UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

“SÓ QUERIA JOGAR FUTEBOL”: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RACISTAS QUE AFETAM O GOVERNO DAS EMOÇÕES DE VINICIUS JÚNIOR EM *POSTS* NO *X*

PATU – RN
2024

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

“SÓ QUERIA JOGAR FUTEBOL”: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RACISTAS QUE AFETAM O GOVERNO DAS EMOÇÕES DE VINICIUS JÚNIOR EM *POSTS* NO *X*

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.ª Dra. Luciana Fernandes Nery

PATU - RN
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586s Silva, Matheus Rodrigues da
"Só queria jogar futebol": uma análise dos discursos racistas que afetam o governo das emoções de Vinicius Júnior em posts no X. / Matheus Rodrigues da Silva. - Patu, 2024.
60p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discurso. 2. Racismo. 3. Governo da emoções. 4. Plataforma X. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

“SÓ QUERIA JOGAR FUTEBOL”: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RACISTAS QUE AFETAM O GOVERNO DAS EMOÇÕES DE VINICIUS JÚNIOR EM POSTS NO X

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em: 03/12/2024

Banca Examinadora

Luciana Fernandes Nery

Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery - Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Aline Almeida Inhoti

Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti - Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Rafaela Cláudia dos Santos

Profa. Ma. Rafaela Cláudia dos Santos - Examinadora
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, queria agradecer aos meus avós Martinha e Benedito, que me criaram e me fizeram o homem que sou hoje. Também quero agradecer a minha mãe Elizângela que sempre me incentivou durante o curso e não me deixou faltar nada para chegar até aqui. Devo lembrar também da minha irmã, Maria Clara, que sempre está disposta a me ajudar quando preciso e da minha sobrinha, Anna Liz, que desde seu nascimento me trouxe alegria para a vida. Também quero agradecer aos meus tios Marcos e Sérgio, que foram muito importantes para que eu pudesse focar somente nos estudos durante a minha graduação.

Também queria deixar um agradecimento especial a minha namorada e colega Bárbara, que foi um pilar durante estes anos de curso, sempre esteve comigo nas melhores e piores horas. Sempre foi amorosa, atenciosa e me acalmou quando eu estava em minhas crises de ansiedade. Posso afirmar que sem você não estaria fazendo estes agradecimentos agora.

Queria deixar um agradecimento especial às professoras Dra. Leidiana Alves e Dra. Aline Inhoti, que foram minhas coordenadoras no PIBID, quando eu tive a oportunidade de conhecer a sala de aula. Oportunidade esta que contribuiu muito para a minha formação como professor.

Agradeço a minha orientadora, a professora Dra. Luciana Fernandes Nery, por todas as orientações, ensinamentos e broncas necessárias, não só na monografia, mas desde o projeto. Você foi de extrema importância para que eu pudesse estar aqui hoje e é um espelho que vou seguir como pessoa e profissional.

Também sou agradecido a todos os professores e colegas que estiveram comigo durante este curso, cada um teve um papel fundamental para que eu conseguisse concluir este curso.

Por fim, agradeço a Dra. Aline Almeida Inhoti, que esteve comigo durante todo o curso e que me ensinou muito sobre como tratar uma turma e ser um professor e também pela participação na banca de defesa deste trabalho. Agradeço também a Professora Ma. Rafaela Claúdia dos Santos, que fez vários apontamentos de extremo valor no meu projeto, que me ajudaram muito a escrever esta monografia.

RESUMO

O racismo está enraizado nas estruturas sociais e políticas, perpetuando desigualdades históricas, afetando diretamente as oportunidades e direitos de grupos marginalizados. Nesse contexto, as mídias sociais surgem como espaços utilizados para a propagação de discursos racistas, como por exemplo, temos a plataforma *X,* no qual o jogador Vini Júnior vem sendo alvo de constantes ataques racistas. Diante disso, esta pesquisa teve por objetivo geral analisar como os discursos racistas contra Vini Júnior publicados na plataforma *X* afetam no governo das suas emoções. O interesse pela pesquisa se deu por buscar compreender como é propagado o racismo no futebol e as formas pelas quais o racismo se manifesta na esfera digital. A partir disso, a pesquisa propôs como objetivos específicos: examinar as estratégias discursivas utilizadas para perpetuar discursos racistas contra Vini Júnior em publicações na plataforma *X;* investigar as formas que esses discursos refletem e reproduzem as relações de saber-poder na sociedade e compreender de que maneira esses discursos afetam o governo das emoções do jogador Vini Júnior. A pesquisa possui natureza qualitativa e partiu da análise de dezessete (17) *posts* publicados na plataforma *X.* O presente estudo teve base nos pressupostos discursivos de Foucault (1998, 2008, 2014). Além disso, nos fundamentamos teoricamente em Kilomba (2019), Fanon (2022), Theodoro (2022) e Carneiro (2023), para abordar o racismo estrutural e estratégias de resistência; Barreto (2023) para falar sobre os discursos de ódio contra negros nas mídias sociais; Camps (2011), Corbin, Courtine e Vigarello (2020) e Piovezani, Curcino e Sargentini (2024) para tratar sobre o governo das emoções. Após a análise dos dados, percebeu-se a importância dos estudos do racismo e do governo das emoções, já que as práticas racistas podem causar danos psicológicos nas vítimas e acompanhá-las pelo resto de suas vidas.

Palavras chave: Discurso; Racismo; Governo das emoções; Plataforma *X.*

ABSTRACT

Racism is deeply rooted in social and political structures, perpetuating historical inequalities and directly affecting the opportunities and rights of marginalized groups. In this context, the social medias have emerged as a space utilized for spreading racist discourse. For instance, the platform X has been a site where the player Vini Júnior has been subjected to constant racist attacks. Given this, the general objective of this research was to analyze how the racist discourses targeting Vini Júnior on platform X affect the government of his emotions. The interest in this research arose from the need to understand how racism is propagated in football and the ways in which it manifests in the digital sphere. From this perspective, the research proposed the following specific objectives: to examine the discursive strategies used to perpetuate racist discourses against Vini Júnior in posts on platform X; to investigate how these discourses reflect and reproduce power-knowledge relations in society; and to understand how these discourses impact the government of Vini Júnior's emotions. The research is qualitative in nature and was based on the analysis of seventeen (17) posts published on platform X. This study was grounded in Foucault's discursive framework (1998, 2008, 2014). Additionally, the theoretical foundation includes works by Kilomba (2019), Fanon (2022), Theodoro (2022), and Carneiro (2023) to address structural racism and strategies of resistance; Barreto (2023) to discuss hate speech against Black individuals on social media; and Camps (2011), Corbin, Courtine, and Vigarello (2020), as well as Piovezani, Curcino, and Sargentini (2024), to explore the government of emotions. After analyzing the data, it became clear how critical the study of racism and the government of emotions is, as racist practices can cause psychological harm to victims, potentially affecting them for the rest of their lives.

Keywords: Discourse; Racism; Government of emotions; Platform X.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A comparação de comportamentos entre sujeitos pela cor da pele 22
Figura 2 – Campanha somos iguais 29
Figura 3 – Com racismo não tem jogo 30
Figura 4 – *Post* de Vini Júnior 1 38
Figura 5 – Comentário 1 39
Figura 6 – Comentário 2 40
Figura 7 – Comentário 3 41
Figura 8 – Comentário 4 42
Figura 9 – *Post* 1 43
Figura 10 – *Post* 2 45
Figura 11 – *Post* 3 46
Figura 12 – *Post* de Vini Júnior 2 47
Figura 13 – *Post* de Vini Júnior 3 49
Figura 14 – *Post* 4 51
Figura 15 – Comemoração de Vini Júnior 52
Figura 16 – *Post* 5 54
Figura 17 – *Post* de Vini Júnior 4 55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....10
2 FUTEBOL E RACISMO: O SABER-PODER E O GOVERNO DAS EMOÇÕES EM CAMPO.....15
2.1 O dispositivo da racialidade e os privilégios da branquitude.....16
2.2 Relações de poder-saber e o combate ao racismo.....24
2.3 O racismo no futebol brasileiro e a propagação de discursos racistas nas mídias sociais.....27
2.4 O governo das emoções.....32
3 DISCURSOS RACISTAS CONTRA VINI JÚNIOR EM *POSTS* DA PLATAFORMA *X* E O GOVERNO DAS EMOÇÕES.....36
3.1 Estratégias discursivas utilizadas para perpetuar discursos racistas contra Vini Júnior em publicações na plataforma X 37
3.2 As relações de poder-saber a partir de discursos racistas 44
3.3 O governo das emoções de Vini Júnior afetado pelo racismo.....50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....57
REFERÊNCIAS 59

1 INTRODUÇÃO

As mídias sociais se tornaram um meio essencial para a expressão pública e a difusão de ideias e opiniões. No entanto, manifestações de preconceito e discriminação também têm ocorrido neste ambiente digital, revelando aspectos obscuros da sociedade moderna. Com o *X* não é diferente. Esta rede social é usada por muitas pessoas, normalmente, utilizando perfis *fakes,* para disseminar discursos de ódio e propagar o racismo. Estes discursos não são apenas um modo de violência simbólica, também criam dinâmicas de poder e resistência. Ao serem disseminados e internalizados, tais discursos moldam as interações sociais e influenciam a percepção e o tratamento dispensados aos sujeitos, como vem acontecendo com o jogador de futebol Vini Júnior em estádios de futebol e nas redes sociais.

O jogador Vini Júnior surgiu como um talento promissor nos gramados e ganhou destaque internacional no time do Real Madrid, por suas habilidades e ascensão no futebol. No entanto, junto com o sucesso, Vini Júnior passou a ser perseguido pelas torcidas adversárias na Espanha, que faziam gestos imitando um macaco feitos em sua direção e entoavam cânticos de *mono*[1] com seu nome nos estádios. Bromberger (2020, p. 604) destaca que “o estádio é, portanto, o lugar de um “descontrole controlado das emoções”, que liberta dos freios impostos, nas interações sociais ordinárias, pela “civilização dos costumes”. Esses ataques direcionados a Vini Júnior não ficaram apenas no campo, mas também se estenderam ao âmbito virtual.

Os gestos e sons de macaco proferidos contra o jogador durante as partidas podem ser considerados como uma forma de desumanizar e animalizar os sujeitos negros. De acordo com Kilomba (2008, p.19), esses processos de desumanização e animalização “têm a função de afirmar a inferioridade de uma identidade através da condição animal”. As agressões sofridas por Vini Júnior reforçam e comprovam a existência do racismo estrutural. O modo como esses ataques afetam o jogador fica nítido quando, em entrevista, ele se mostra abalado, chegando até a chorar. Além disso, *posts* em sua própria conta no *X* mostram seu incômodo pela violência racial que sofre.

---

[1] *Mono* traduzido do espanhol para o português significa macaco.

Diante do que ocorreu com o jogador Vini Júnior, surgiu a necessidade de compreender não apenas a natureza e o impacto dos discursos racistas direcionados ao jogador, mas também as relações de saber-poder e resistência que emergem dessas interações e suas consequências no que diz respeito ao governo das emoções. Perante essa problemática, partimos dos seguintes questionamentos: a) Como os discursos racistas dirigidos a Vini Júnior são construídos e perpetuados em *posts* na plataforma *X*? b) De que forma esses discursos refletem e reproduzem relações de saber-poder e resistência na sociedade? c) Como os discursos racistas afetam no governo das emoções do jogador Vini Júnior?

A liberdade de expressão, enquanto direito fundamental garantido em diversas democracias, é, comumente, utilizada como argumento para legitimar a propagação de discursos, inclusive aqueles que podem ser percebidos como ofensivos ou discriminatórios. No contexto das mídias sociais, observa-se com frequência a instrumentalização desse princípio para justificar manifestações racistas. Tal fenômeno ocorre, em grande medida, devido à interpretação equivocada da liberdade de expressão como um direito absoluto, levando à crença de que qualquer tipo de manifestação verbal, independentemente de seu conteúdo, deva ser permitida e isenta de questionamentos. Há vários fatores para o crescimento dessa discussão sobre a liberdade de expressão irrestrita, como a ascensão da extrema direita no mundo, a perseguição de políticos às minorias, o engajamento que esse tema gera nas mídias sociais, dentre outros aspectos. Todavia, existe uma diferença entre liberdade de expressão e discurso de ódio. Barreto (2023, p. 60) afirma que “a legislação brasileira distingue a liberdade de expressão da prática do crime de ódio. Adotamos, portanto, o entendimento que o discurso de ódio não está, de forma alguma, amparado pelo entendimento de liberdade de expressão”. Portanto, quando essa barreira for quebrada, o agressor deve ser devidamente punido. A referida autora também afirma que:

> [...] a internet foi recebida, sem dúvidas, como um espaço inovador. Em se tratando de tecnologia da informação, um mercado interativo de ideias que permite ao homem externar livremente pensamentos, opiniões, escolhas e muito do seu próprio eu. Ao mesmo tempo, tornou-se um espaço livre para conteúdo ofensivo e propagação de ódio (Barreto, 2023, p. 60).

Comungando com as palavras da autora, destacamos que a internet é uma inovação tecnológica essencial, reconhecida por ser um espaço dinâmico e

interativo onde as pessoas podem trocar ideias e se expressar, permitindo que os usuários compartilhem livremente seus pensamentos, opiniões e aspectos de sua identidade pessoal. No entanto, essa mesma característica de liberdade e abertura que a torna um ambiente fértil para a comunicação e a disseminação de informações também resulta em desafios, uma vez que se configura como um espaço propenso à propagação de conteúdos ofensivos e discursos de ódio. Dessa forma, Barreto (2023) ilustra a dualidade da internet, pois, enquanto promove a democratização da expressão e a interatividade, também enfrenta problemas relacionados à regulamentação e à ética, exigindo uma análise crítica dos seus impactos sociais e tecnológicos.

Diante do exposto, foram elencados os seguintes objetivos:

Geral

- Analisar como os discursos racistas contra Vini Júnior publicados na plataforma *X* afetam no governo das suas emoções.

Específicos

- Examinar as estratégias discursivas utilizadas para perpetuar discursos racistas contra Vini Júnior em publicações na plataforma *X*.
- Investigar as formas que esses discursos refletem e reproduzem as relações de poder-saber na sociedade;
- Compreender de que maneira esses discursos afetam o governo das emoções do jogador Vini Júnior.

O racismo é uma problemática social e estrutural que permeia diversas esferas da vida, incluindo o esporte. Os ataques racistas contra Vini Júnior na plataforma *X* expõem essa realidade, evidenciando a necessidade de estudos que compreendam a dinâmica desses discursos e seus efeitos na sociedade, já que o racismo ainda é praticado com frequência contra pessoas pretas. Através desse estudo não só será pesquisado sobre o racismo estrutural, mas formas de resistência que podem ser usadas nessa causa. De acordo com Davis (1981), “numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”. Portanto, é fundamental combater o racismo de maneira enérgica, de modo que indivíduos que perpetuam tais comportamentos sejam desencorajados a agir de tal forma. Além disso, torna-se importante discutir como esses ataques impactam o governo das emoções das pessoas que os sofrem.

Como pesquisador e sujeito negro que já foi vítima de racismo, sendo esse o maior motivo para querer pesquisar sobre o assunto, possuo interesse pessoal em compreender como é propagado o racismo no futebol, que é algo que me convém, pois acompanho o esporte assiduamente e as formas pelas quais o racismo se manifesta na esfera digital. Ao abordar um fenômeno contemporâneo de grande relevância social, a análise pode contribuir para o entendimento de como as redes sociais amplificam e disseminam determinados discursos. Além disso, a pesquisa também preenche uma lacuna no campo do governo das emoções, tema ainda pouco explorado no curso de Letras – Língua Portuguesa do Campus Avançado de Patu.

O *corpus* de pesquisa é constituído por 17 *posts* e comentários da plataforma *X.* A escolha se deu pelo fato de tais enunciados abordarem o racismo sofrido por Vini Júnior, as práticas de combate e resistência e o governo das emoções do jogador. O critério de seleção se deu pelas contas escolhidas serem públicas e as postagens, aqui compreendidas, conforme Foucault como enunciados, atingirem um grande acúmulo de visualizações, sendo facilmente encontradas em pesquisas na plataforma *X.*

Nossa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativista. Adotamos uma abordagem qualitativa, pois o que se busca é descrever e interpretar os dados. Para entender melhor sobre a abordagem qualitativa, Tuzzo e Braga (2016) destacam que:

> [...] enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (Tuzzo; Braga, 2016, p.142).

A abordagem qualitativa possibilita que a pesquisa se desenvolva através de um modo que possa trazer novas visões sobre o problema a ser investigado e permitir que o estudo sobre o objeto de estudo selecionado possa ganhar olhares diferentes dos já existentes.

O presente estudo teve base nos pressupostos discursivos de Foucault (1998, 2008, 2014). Além disso, nos fundamentamos teoricamente em Kilomba (2019),

Fanon (2022), Theodoro (2022) e Carneiro (2023), para abordar o racismo estrutural, estratégias de resistência e combate; Barreto (2023) para falar sobre os discursos de ódio contra negros nas mídias sociais; Camps (2011), Corbin, Courtine e Vigarello (2020) e Piovezani, Curcino e Sargentini (2024) para tratar sobre o governo das emoções.

A divisão deste trabalho está estruturada na seguinte ordem: o primeiro capítulo é a introdução, que irá situar o leitor de como as mídias sociais podem ser utilizadas como instrumento para a disseminação de discursos de ódio contra sujeitos negros. O segundo capítulo, intitulado "*Futebol e racismo: o saber-poder e o governo das emoções em campo"* discorre sobre a concepção teórica-analítica relacionada ao racismo estrutural nas mídias digitais e no futebol brasileiro, as relações de saber-poder e resistência contra o racismo e suas implicações no governo das emoções dos sujeitos.

No terceiro capítulo, intitulado *"Discursos racistas contra Vini Júnior em posts da plataforma X e o governo das emoções"*, abordamos os discursos racistas direcionados ao jogador brasileiro, com foco específico nas manifestações de ódio presentes em tais discursos proferidos nas redes sociais. A análise se concentra em postagens publicadas na plataforma *X*, anteriormente conhecida como Twitter, que possuem como alvo Vinícius Júnior. Foi investigado como esses discursos racistas são perpetuados na referida plataforma, explorando as dinâmicas emocionais envolvidas tanto na disseminação do ódio quanto nas respostas emocionais desencadeadas em torno da figura do jogador. Este capítulo também busca compreender como o racismo se manifesta nesse ambiente online, caracterizado pelo anonimato e pela falta de regulamentação adequada, o que acaba favorecendo a proliferação de ataques racistas. Para finalizar, serão apresentadas as considerações finais e referências que sustentaram esse estudo.

2 FUTEBOL E RACISMO: O SABER-PODER E O GOVERNO DAS EMOÇÕES EM CAMPO

É importante frisar que o futebol, enquanto fenômeno global, transcende o mero campo esportivo e assume papel de destaque na constituição de discursos culturais e sociais. No entanto, essa visibilidade traz à tona problemas enraizados na sociedade, como o racismo. No cenário atual, casos de discriminação racial têm se tornado frequentes, revelando tensões que são ampliadas pelas atuações das mídias sociais. Essas plataformas, ao mesmo tempo em que possibilitam uma reação imediata e massiva, também funcionam como arenas em que os discursos racistas são intensificados e, por vezes, perpetuados.

A junção entre futebol e mídias sociais expõe a complexa relação de saber-poder. Os discursos que emergem nesse espaço virtual evidenciam a produção e a circulação de saberes que legitimam ou contestam posições de poder. Desse modo, as plataformas digitais tornam-se, portanto, campos de disputa em que a voz de torcedores, jogadores e instituições se entrelaçam, moldando narrativas e estabelecendo quem tem o direito de falar e sobre o que pode falar. Assim, o racismo no futebol revela-se não apenas como uma questão social, mas também como um fenômeno discursivo, onde a construção do outro se dá pela lógica da exclusão e da inferiorização.

Por outro lado, as reações às manifestações racistas, tanto por parte das instituições esportivas quanto dos próprios jogadores, fazem com que ocorra uma preocupação com a saúde mental dos sujeitos que estão envolvidos na prática esportiva. Diante dessas condições de produção, há uma tentativa de regular e controlar as reações emocionais diante das ofensas raciais, buscando preservar a imagem do esporte e evitar rupturas mais profundas nas relações de poder. As instituições envolvidas, ao tentarem moderar essas respostas, acabam por operar sob uma lógica de neutralização das emoções, na qual as expressões de indignação são vistas como ameaças à ordem estabelecida.

Em suma, ao analisar o racismo no futebol contemporâneo, é fundamental considerar a rede de relações que envolve as mídias sociais, as dinâmicas de poder e o governo das emoções. O esporte que deveria ser um espaço de inclusão e diversidade, muitas vezes, reproduz as hierarquias sociais e raciais presentes no tecido social, reforçando a necessidade de uma reflexão crítica sobre os

mecanismos que sustentam essas práticas discriminatórias. Diante do exposto, teceremos nos tópicos a seguir a noção de dispositivo para Foucault (2014) e do dispositivo da racialidade. Além disso, discutiremos como o racismo estrutural é visto no campo dos estudos discursivos, além dos privilégios hierárquicos condicionados pela branquitude. Também serão abordadas as relações de poder-saber, as práticas de resistência e combate em desfavor do racismo. Além disso, será debatido sobre o racismo no futebol brasileiro, campanhas de combate ao racismo e falta de representatividade de sujeitos pretos em grandes cargos nos clubes. Por fim, serão discutidos os efeitos do racismo no governo das emoções dos sujeitos focando em atletas de alto nível.

2.1 O dispositivo da racialidade e os privilégios da branquitude

Para Foucault (2014), o conceito de "dispositivo" refere-se a uma configuração estratégica que organiza e regula as relações de saber-poder em uma sociedade, no qual a distribuição do olhar e a organização social possibilitam um ambiente de constante visibilidade, conduzindo os indivíduos à autovigilância e, consequentemente, à disciplina. Esse dispositivo permite que o poder seja exercido de forma automatizada e despersonalizada, dependendo mais da estrutura arquitetônica e da vigilância ininterrupta do que de uma figura de autoridade específica. Dessa maneira, o "dispositivo" representa uma tecnologia de poder que estrutura a sociedade e regula o comportamento dos indivíduos a partir de normas e vigilância.

Para se referir ao tratamento que era dado aos detentos nas prisões no século XVIII e XIX, Foucault (2014) apresenta como o dispositivo de punição é utilizado para disciplinar e controlar corpos. Segundo o referido autor:

> O poder sobre o corpo, por outro lado, tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Sem dúvida, a pena não mais se centralizava no suplício como técnica de sofrimento; tomou como objeto a perda de um bem ou de um direito. Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão — privação pura e simples da liberdade — nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra. Consequências não tencionadas, mas inevitáveis da própria prisão? Na realidade, a prisão, nos seus dispositivos mais explícitos, sempre aplicou certas medidas de sofrimento físico (Foucault, 2014, p. 19).

Foucault (2014) destaca que embora as práticas de punição tenham se transformado ao longo do tempo, o sofrimento físico imposto ao corpo nunca desapareceu totalmente. A partir do século XIX, a ênfase na punição passou do suplício, que consistia em tortura extrema, para a privação de direitos, como a prisão e o trabalho forçado. No entanto, mesmo essas formas de pena, que se baseiam na perda de liberdade, mantêm aspectos de controle e sofrimento sobre o corpo, como a restrição de alimentos e a privação sexual. O referido autor questiona se essas práticas são consequências inevitáveis da prisão ou se constituem um dispositivo punitivo intencional para exercer controle físico sobre os indivíduos.

Para Carneiro (2023), o dispositivo da racialidade age como um mecanismo de poder, estabelecendo um sistema de exclusão e subjugação que marginaliza pessoas negras e indígenas. Esse processo de construção do "não-ser" fundamenta-se em práticas coloniais e racistas que historicamente desumanizam certos grupos para garantir a supremacia do "ser", ou seja, da identidade dominante. Dessa forma, a identidade racial é imposta para limitar o acesso ao reconhecimento pleno e aos direitos, consolidando desigualdades estruturais.

A referida autora ressalta que as práticas de racialização não são apenas atos individuais, mas sim um sistema institucionalizado de controle e opressão que molda a sociedade e define quem é plenamente reconhecido como humano. Dessa forma, o dispositivo da racialidade aborda a construção de identidades raciais a partir da hierarquização do ser, em que certos grupos são posicionados como "não-ser". Este dispositivo opera na estrutura social para definir o "outro" como inferior, sustentando a dominação de um grupo branco hegemônico, tido como superior e instaurando na sociedade um racismo estrutural.

O racismo estrutural se refere a padrões e práticas institucionais que criam desigualdades com base na raça, perpetuando injustiças e privilégios ao longo dos tempos. Está enraizado em políticas e normas que discriminam grupos raciais minoritários, limitando suas oportunidades de acesso a recursos, educação, emprego e saúde, entre outros. No entanto, há um contingente que contesta a realidade do racismo, instrumentalizando essa negação para sustentar um paradigma elitista que reivindica os privilégios associados à branquitude. Esse grupo tende a criminalizar e subordinar qualquer segmento marginalizado da sociedade invertendo os valores da realidade. Para Kilomba (2019):

> No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: “Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os”. A informação original e elementar – “Estamos tomando o que é Delas/es” – é negada e projetada sobre a/o “Outra/o” – elas/es estão tomando o que é Nosso” -, o sujeito negro torna-se aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. Enquanto o sujeito negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano (Kilomba, 2019, p 34).

Para a referida autora, a negação do racismo é usada para perpetuar e legitimar estruturas de exclusão racial violentas. Através dessa negação, há uma inversão da realidade, onde a culpa e a ameaça são atribuídas aos grupos racialmente marginalizados, enquanto os privilégios e a virtude são reivindicados pelos brancos. Essa dinâmica distorce a percepção social, transformando o sujeito negro em um "outro" indesejável e intrusivo, ao passo que o sujeito branco é representado como uma vítima compassiva injustiçada. Isso cria uma narrativa onde os papéis de opressor e oprimido são invertidos, obscurecendo a verdadeira dinâmica de poder e perpetuando a marginalização racial.

Há quem utilize o racismo estrutural como se fosse uma espécie de “palavra-chave” para que se possa fazer uma análise rasa do que realmente é o problema do racismo. Desse modo, o racismo estrutural seria usado como uma resposta rápida e simplória para quando se quer passar a impressão de que há um entendimento sobre o racismo, porém, na verdade existe falta de conhecimento sobre o assunto. De acordo com Souza (2021, p. 45):

> Precisamente por ser uma categoria que promete muito – ou seja, o desvelamento profundo de essência do racismo na sociedade -, mas entrega pouco mais do que um nome mágico e uma alusão ao que fica escondido, é inevitável despertar um sentimento de impotência e frustração em quem busca entendê-la.

O autor mencionado crítica o uso de determinados conceitos, em especial o de racismo estrutural, que, apesar de prometer uma análise profunda sobre a questão do racismo na sociedade, muitas vezes, não entregam mais do que uma referência superficial. O citado termo é, frequentemente, utilizado para conferir uma impressão de conhecimento ou compreensão sobre o tema, mas, na prática, deixam de explorar de maneira eficaz as dinâmicas complexas que perpetuam o racismo. Essa utilização vaga pode despertar um sentimento de impotência e frustração em quem busca um entendimento mais substancial, uma vez que o simples uso do

supracitado conceito não promove um exame mais detalhado das estruturas sociais e institucionais que mantêm a desigualdade racial, que são privilégios da branquitude.

A branquitude é, frequentemente, associada a um privilégio que estabelece um mundo estruturado pelos efeitos da colonialidade, dividindo a sociedade em dois polos distintos: os opressores e os oprimidos, como foi visto anteriormente com Kilomba (2019). Neste modelo, os detentores de poder utilizam-se das forças de segurança como meios de repressão contra aqueles que questionam ou desafiam o sistema estabelecido. A subsistência do oprimido, muitas vezes, depende da conformidade silenciosa, evitando a rebelião para assegurar a própria sobrevivência. Essa dinâmica é exacerbada no contexto do sistema capitalista, em que a acumulação desigual de riqueza intensifica as disparidades de poder entre tiranos e marginalizados. A concentração significativa de recursos econômicos nas mãos de um reduzido grupo, predominantemente composto por homens brancos, reforça e perpetua essas desigualdades estruturais na sociedade contemporânea. Diante disso, percebe-se que:

> O mundo colonizado é um mundo dividido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino, religioso ou laico, a formação de reflexos morais transmitidos de pais para filhos, a honestidade exemplar de operários condecorados depois de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor incentivado pela harmonia e pela prudência, essas formas estéticas do respeito pela ordem estabelecida, criam em torno do explorado um clima de submissão e inibição que ameniza consideravelmente o trabalho das forças de segurança pública (Fanon, 2022, p. 34).

Fanon (2022) explica a dinâmica de poder em sociedades colonizadas sob estruturas capitalistas, nas quais as instituições de controle como quartéis e delegacias delineiam uma divisão entre colonizadores (opressores) e colonizados (oprimidos). A socialização através do ensino e instituições religiosas ou seculares perpetua reflexos morais e comportamentais que sustentam a ordem estabelecida, promovendo a submissão e inibição entre os explorados. Valores como a honra pelo trabalho e o amor harmonioso são incentivados, criando um clima que facilita o controle social e reduz a necessidade de intervenção direta das forças de segurança pública, sustentando assim a estabilidade social sob o domínio colonial. Desse modo,

> Ao longo desse século, foi contestada a interpretação liberal-conservadora de que as desigualdades sociais e econômicas seriam funcionais e legítimas, pois decorrentes de desigualdades naturais – físicas, intelectuais ou morais O fortalecimento da cidadania avançou da ideia da igualdade e com a participação e a ação redistributiva das políticas sociais. No entanto, o aumento da desigualdade social estaria promovendo uma fratura nas sociedades modernas. Nesse debate sobre a questão social, a análise da desigualdade racial vem progressivamente ganhando densidade, junto ao reconhecimento da necessidade de mobilizar instrumentos distintos, mesmo que complementares, no enfrentamento dos dois fenômenos (Theodoro, 2022, p. 54).

O referido autor contesta da interpretação liberal-conservadora que justifica as desigualdades sociais e econômicas como naturais e legítimas, atribuídas a supostas diferenças físicas, intelectuais ou morais entre os sujeitos. Em contraste, destaca o avanço do conceito de cidadania baseado na igualdade, com ênfase na participação cívica e nas políticas redistributivas. No entanto, a crescente desigualdade social é vista como um fator que fragmenta as sociedades contemporâneas. Nesse contexto, a análise ganha relevância, destacando a necessidade de abordagens específicas e complementares para lidar tanto com as desigualdades sociais amplas quanto com as raciais, reconhecendo suas intersecções e particularidades. Não obstante, há indivíduos que marginalizam a questão da desigualdade racial, valendo-se de meios de comunicação para desacreditá-la, notadamente através das mídias sociais. Neste cenário, muitos sujeitos, comumente, utilizam suas plataformas pessoais para difundir discursos racistas, perpetuando assim ataques direcionados à comunidade negra.

No campo dos estudos discursivos, o racismo também é pauta para discussão. Em sua obra "*Genealogia do Racismo",* Foucault (1998) propõe uma narrativa de conflitos, reinterpreta a história em termos de lutas entre etnias e raças, introduzindo a guerra como um princípio organizador. O autor mostra como o racismo se desenvolveu em conexão com o biopoder[2] e as estratégias dos Estados modernos, o que levou à legitimação da violência, especialmente em nome da proteção da sociedade. O racismo se torna, assim, uma forma de justificar a exclusão e a morte em nome da preservação da pureza e saúde de uma população. Para o referido autor:

---

[2] Para Foucault (2014), o Biopoder refere-se ao modo pelo qual o poder moderno exerce controle sobre os sujeitos. Com o advento da queda dos reis soberanos houve uma mudança no exercício de poder, tendo em vista que antes a disciplina era moldada através da violência (fazer morrer ou deixar viver) e passou a ter uma visão diferente cuidando da qualidade de vida dos sujeitos afim de conseguir corpos úteis por mais anos (fazer viver ou deixar morrer).

> [...] A partir do século XVII, expressou-se a ideia de que a guerra constitui o enredo ininterrupto da história. Esta ideia aparece de forma precisa: a guerra que não para de se desenvolver por trás da ordem e da paz, a guerra que trabalha a nossa sociedade e a divide de forma binária é, no seu cerne, a guerra das raças. Os elementos fundamentais que tornam sempre possível a guerra e garantem a sua manutenção, a sua continuação e o seu desenvolvimento são identificados muito rapidamente. Mais do que de conquista e escravização de uma raça por outra, estamos subitamente a falar de diferenças étnicas e linguísticas; de diferenças de força, vigor, energia e violência; de diferenças de ferocidade e barbárie. No fundo, o corpo social está articulado em duas raças (Foucault, 1998, p. 55).

A obra "*Genealogia do racismo*" discute como a noção de "raça", inicialmente vista como uma diferença cultural evoluiu no século XIX para um conceito biológico, influenciado por teorias evolucionistas e degenerativas. O referido autor examina como os discursos científicos e políticos são usados como ferramentas de poder para controlar populações e como as instituições disciplinares (como prisões, escolas, hospitais) são mecanismos de controle biopolítico[3].

Algo presente em práticas discursivas racistas é a diferenciação no tratamento de sujeitos com base na cor de sua pele é um reflexo profundo e persistente do racismo estrutural que permeia diversas esferas da sociedade. Comportamentos idênticos podem ser interpretados de maneiras distintas dependendo da identidade racial da pessoa que os adota, o que revela um viés enraizado na forma como atitudes e ações são avaliadas. Enquanto pessoas brancas, frequentemente, são enaltecidas por suas atitudes ousadas como demonstrações de inteligência ou estratégia, indivíduos negros que expressam comportamentos semelhantes são, por outro lado, julgados como insolentes ou desrespeitosos. Essa diferença evidencia como as expectativas sociais e os estereótipos raciais moldam a percepção e o julgamento de comportamentos, reafirmando desigualdades e contribuindo para a manutenção de hierarquias raciais implícitas em diversos espaços, como pode ser visto na figura 1.

[3] A biopolítica pode ser entendida como uma extensão do biopoder, são políticas praticadas por quem detém o poder e visam aumentar a qualidade de vida da população para conseguir corpos dóceis e úteis por mais tempo. A biopolítica teve um crescimento a partir do advento do capitalismo, pois, um corpo produtivo é um corpo que gera renda aos detentores do poder (Foucault, 2014)

Figura 1 – A comparação de comportamentos entre sujeitos pela cor da pele

Fonte: https://x.com/antoniotabet/status/1851306355698684264?t=1-5g7kzROubS6qh_ChI_CA&s=19.[4]

No enunciado, Antonio Tabet contrasta a maneira como dois jogadores, um branco (o goleiro argentino Emiliano Martínez) e um negro (o jogador brasileiro Vinícius Júnior) são avaliados por provocações no campo. O jogador branco é visto como "estratégico, esperto e sagaz", enquanto o jogador negro é descrito como "abusado, desrespeitoso e insolente". Essa comparação expõe uma prática discursiva racista, na qual o comportamento é deslegitimado ou criticado quando associado a um corpo negro, enquanto é elogiado ou romantizado quando associado a um corpo branco. Essa estrutura privilegia o branco, reforçando um saber que associa comportamentos positivos às pessoas brancas e negativos às negras. Essa prática discursiva reproduz e legitima desigualdades, impondo limites simbólicos sobre o que cada indivíduo "pode" ou "deve" fazer, a partir da sua raça. No enunciado, ainda é utilizada a expressão *“mas não é racismo, não. Imagina”,* usada de forma irônica, pois há um esforço em argumentar que os ataques direcionados a Vini Jr. seriam motivados por questões de comportamento e não de cunho racial.

[4] Acesso em 06 de novembro de 2024

Outro ponto a ser destacado é a forma como pessoas que não fazem parte da raça privilegiada são tratadas como “Outro”, mecanismo de opressão social, já que, na visão da branquitude, o “Outro” é inferior. Esse "Outro", racialmente identificado, é tratado como uma negação da humanidade plena, funcionando como base para a superioridade do grupo racial dominante. Carneiro (2023) ressalta que:

> Esta é a prática divisora que um dispositivo institui no campo ontológico: a constituição de uma nova unidade em cujo núcleo se aloja uma nova identidade padronizada, e, fora dele, uma exterioridade oposta, mas essencial para a afirmação daquela identidade nuclear. O doente mental viabiliza o homem normal. Assim, se o homem normal tiver que vir público para dizer o que ele é irá se afirmar pela negatividade “não sou doente mental”. Ele se define pela diferença em relação ao Outro, aquele construído negativamente para afirmar a dinâmica positiva do Ser. Ou seja, o Outro fundado pelo dispositivo apresenta-se de forma estática, que se opõe à variação que é assegurada ao Ser. A dinâmica instituída pelo dispositivo de poder é definida pelo dinamismo do Ser em contraposição ao imobilismo do Outro (Carneiro, 2023, p. 28- 29).

A autora aborda a forma como dispositivos institucionais moldam identidades sociais ao estabelecer uma divisão ontológica entre o "normal" e o "outro", no caso, o "doente mental". Essa divisão cria uma identidade padronizada que se define pela negação do outro, ou seja, o sujeito normal afirma-se dizendo "não sou doente mental", o que evidencia a interdependência entre essas identidades opostas. O "outro" é construído como uma exterioridade estática e marginalizada, essencial para que a identidade normativa, dinâmica e em constante evolução, se consolide. Essa relação revela uma estrutura de poder que regula e normatiza qual identidade é considerada aceitável, impondo uma hierarquia que privilegia o sujeito "normal" enquanto fixa o "outro" em uma posição de exclusão. Portanto, a dinâmica de poder é sustentada pela construção dessas diferenças, mantendo o privilégio de um sobre a estigmatização do outro.

As relações de saber-poder que estruturam as sociedades modernas são, frequentemente, mediadas por diversas formas de diferenciação. Essas diferenças, que vão desde as distinções jurídicas, econômicas e culturais até aquelas ligadas à competência ou habilidade, são instrumentos que não apenas separam, mas também consolidam hierarquias de saber-poder. Tais diferenciações operam como elementos estruturantes e ao mesmo tempo como efeitos do saber-poder, ou seja, elas não apenas são consequências da dominação, mas também constituem mecanismos essenciais para a sua perpetuação. Nas relações raciais,

especialmente, entre brancos e negros, essas práticas de saber-poder se manifestam em divisões que não são apenas sociais ou culturais, mas também profundamente enraizadas nas esferas jurídicas e econômicas.

A segregação e a subordinação histórica dos negros, por exemplo, não se limitam à violência explícita, mas se revelam através de uma complexa rede de diferenciações que atuam na formação e na manutenção de privilégios. As disparidades econômicas, o acesso desigual a recursos e a imposição de marcas culturais são apenas algumas das formas pelas quais a branquitude exerce seu poder. Ao longo do tempo, as estruturas de saber-poder foram criando, legitimando e reforçando essas divisões, gerando uma ordem social que não apenas distingue, mas marginaliza os negros de maneira sistemática. Essa estrutura de saber-poder, ao operar por meio da diferenciação, contribui para a formação de um ciclo vicioso de desigualdade, onde as condições de vida, as oportunidades e os direitos dos indivíduos são profundamente moldados pela cor da pele e pela posição que ocupam dentro dessa hierarquia social. No próximo tópico, veremos mais sobre essas relações de saber-poder e a resistência ao racismo.

2.2 Relações de saber-poder e o combate ao racismo

As relações de saber-poder, resistência e combate ao racismo estão interconectadas, refletindo dinâmicas históricas, sociais e políticas que moldam a estrutura das sociedades contemporâneas. De acordo com Foucault (1998), o poder, nesse contexto, não é apenas uma questão de dominação explícita, mas também de hegemonia cultural, em que as normas e valores raciais são internalizados e perpetuados tanto pelas instituições quanto pelos indivíduos. O privilégio branco, enquanto sistema de poder, se manifesta de várias formas, desde a discriminação direta e violenta até práticas sutis de exclusão e marginalização, operando de maneira a sustentar desigualdades raciais profundamente enraizadas. As relações de poder estão intrinsecamente ligadas à dominação dos corpos negros e às dinâmicas políticas, nas quais a opressão é utilizada como meio de controle. Esse sistema busca subjugar os sujeitos negros, promovendo uma aceitação passiva das condições impostas, sem que haja resistência. Segundo Foucault (2014):

> [...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (p.29)

O citado autor argumenta que o corpo é imerso em um campo político, em que relações de saber-poder exercem influência direta sobre ele. Essas relações de saber-poder não apenas investem no corpo, mas também o marca, o direciona, o tortura, submetendo a trabalhos e sinais de submissão. Essa relação intrínseca entre poder político e utilização econômica do corpo revela que a produtividade do corpo está inextricavelmente ligada à sua subserviência. O corpo se torna uma força útil quando é simultaneamente produtivo. Isso mostra como as dinâmicas de saber-poder e economia são profundamente entrelaçadas e co-dependentes.

A resistência ao racismo, por sua vez, emerge como uma resposta a essas estruturas opressivas, manifestando-se em múltiplas formas e níveis. Historicamente, movimentos de resistência têm sido fundamentais na luta pelos direitos civis e pela igualdade racial, como evidenciado pelo movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos[5], a luta contra o apartheid[6] na África do Sul e os movimentos antirracistas contemporâneos em diversas partes do mundo. Esses movimentos não apenas desafiam as manifestações explícitas de racismo, mas também visam combater as bases institucionais e estruturais que perpetuam a desigualdade racial.

A resistência também se dá no cotidiano, através de ações individuais e coletivas que questionam e confrontam as práticas racistas no ambiente de trabalho,

---

[5] O movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos foi uma ampla mobilização social ocorrida principalmente entre as décadas de 1950 e 1960, voltada para a luta contra a segregação racial e a discriminação enfrentada pela população negra. Liderado por figuras emblemáticas como Martin Luther King Jr., Rosa Parks e Malcolm X, o movimento buscou garantir direitos civis fundamentais, como o direito ao voto, à educação e à igualdade perante a lei

[6] O apartheid foi um sistema de segregação racial institucionalizado na África do Sul entre 1948 e 1994, caracterizado pela exclusão política, econômica e social da população negra, além de legislações que reforçavam a separação física e a desigualdade entre os grupos raciais. Seu impacto foi devastador, perpetuando desigualdades que ainda afetam o país atualmente. O principal nome da luta contra o apartheid foi Nelson Mandela que liderou as negociações que resultaram no fim do apartheid e na primeira eleição democrática multirracial em 1994, na qual foi eleito presidente. Seu compromisso com a reconciliação e a construção de uma sociedade justa foi decisivo para evitar uma guerra civil e estabelecer as bases de uma nova África do Sul.

nas instituições educacionais e nas interações sociais. Nesse sentido, é inevitável a presença de movimentos que se opõem às injustiças enfrentadas por grupos marginalizados. Para Foucault (2014, p.90)

> Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande recusa — alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder.

Relacionando essa perspectiva ao racismo, podemos observar que a resistência se manifesta de maneira diversificada. Em vez de haver um local ou uma forma singular de resistência contra o racismo, existem múltiplas e variadas formas de enfrentamento que ocorrem em diferentes contextos e situações. Essas resistências podem ser tanto individuais quanto coletivas e incluem desde ações espontâneas até movimentos organizados e planejados. Desse modo, a resistência ao racismo pode se manifestar em atos solitários contra práticas discriminatórias cotidianas, bem como em grandes movimentos sociais que demandam mudanças estruturais.

O combate ao racismo exige uma abordagem que inclui tanto políticas públicas quanto iniciativas individuais. Políticas afirmativas, como cotas raciais e programas de inclusão, são mecanismos importantes para corrigir desigualdades históricas e promover a justiça social. No entanto, tais políticas devem ser acompanhadas de uma transformação cultural mais ampla, que inclua a educação antirracista, a valorização da diversidade e o reconhecimento das contribuições históricas e culturais dos grupos marginalizados. A educação, nesse sentido, desempenha um papel crucial ao buscar promover a consciência crítica sobre as questões raciais e capacitar sujeitos a reconhecer e desafiar as formas de racismo em suas várias manifestações.

Além disso, o combate ao racismo requer a responsabilização das instituições e dos sujeitos que perpetuam práticas racistas. Isso inclui a implementação de leis contra discriminação racial, a promoção de uma justiça criminal que não seja racialmente enviesada e a criação de espaços seguros, para que as vozes das comunidades afetadas pelo racismo sejam ouvidas e valorizadas. A mídia e a

representação cultural dos povos negros também têm um papel significativo nesse combate, visto que moldam percepções e atitudes em relação às questões raciais. Assim, uma representação mais justa e diversificada na mídia pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Esse combate também deve se estender aos campos do futebol e mídias sociais, pois em ambos os espaços casos de racismo vem ganhando cada vez mais visibilidade, como veremos no tópico a seguir.

2.3 O racismo no futebol brasileiro e a propagação de discursos racistas nas mídias sociais

O racismo está presente no futebol brasileiro desde seus primórdios quando Charles Miller trouxe o esporte para o Brasil em 1984. Inicialmente, somente membros da elite branca carioca praticavam o esporte, pessoas das classes mais baixas, em sua maioria, negros, eram impedidos de atuar profissionalmente. Segundo o *site* Primeiros Negros[7], o primeiro registro de um jogador negro foi no time da Ponte Preta em 1900 com Miguel do Carmo, que também foi um dos fundadores do clube. Esta instituição recebeu de forma pejorativa o apelido de macaca e, posteriormente, adotou o animal como mascote, como é explicado na matéria da *TNT Sports*[8]. Outro clube que se destaca na integração de negros no futebol foi o Vasco da Gama, que em 1924 sofreu represália de outros clubes cariocas como Botafogo, Fluminense e América-RJ por possuir jogadores negros no seu elenco.

Com o tempo, jogadores negros passaram a ter maior visibilidade e se tornaram os principais nomes do esporte e os maiores símbolos no país. O futebol se tornou uma das áreas em que eles podiam ascender socialmente. Nomes como Pelé, Garrincha, Didi e outros ícones ajudaram a redefinir o papel dos negros no futebol. Mesmo com essa ascensão, episódios de racismo continuaram a ocorrer. Em casos de derrotas da seleção brasileira em copa do mundo sempre há de se procurar um “bode expiatório”, aquele jogador que é culpado pelo revés brasileiro,

---

[7] Miguel do Carmo, outro pioneiro da primeira hora do futebol nacional. Disponível em: https://primeirosnegros.com/miguel-do-carmo-primeiro-negro-no-futebol-brasileiro/. Acesso em 31 de outubro de 2024

[8] Ponte Preta e a luta antirracista: a origem do mascote e do apelido Macaca. Disponível em: https://tntsports.com.br/futebolbrasileiro/Ponte-Preta-e-a-luta-antirracista-a-origem-do-mascote-e-do-apelido-Macaca-20231117-0013.html. Acesso em 31 de outubro de 2024.

como foi o caso do técnico Flávio Costa e os jogadores Bigode e Barbosa em 1950, Roberto Carlos em 2006, Fernandinho em 2014 e 2018 e Rodrygo em 2022, jogadores que atuam em posições diferentes no campo: atacante, meio-campista, lateral e goleiro. A única semelhança entre eles é que todos são negros.

Outro fator que pode ser destacado é a ausência de pessoas negras nos comandos dos clubes, nas figuras de presidentes, vices, diretores de futebol e até técnicos. A maioria desses cargos são ocupados por homens brancos, fazendo com que jogadores que denunciam casos de racismo sofridos não recebam o apoio necessário por parte dos clubes. Para Pereira (2021, p.66):

> [...] pode-se considerar que o futebol é parte da engrenagem racista que permeia o país, onde os cargos de liderança estão nas “mãos” de pessoas brancas. A falta de representatividade negra na direção dos clubes faz com que suas vozes fiquem silenciadas e, consequentemente, com que tenham menos poder para decidirem em favor de si. Nesse contexto, observa-se que, quando o jogador se rebela contra essa violência e contra o clube, é, de algum modo, punido, pois a manifestação do time se dá contra a vítima.

Dessa forma, o autor aborda como o futebol no Brasil reflete e perpetua estruturas racistas, mantendo cargos de liderança majoritariamente ocupados por pessoas brancas, o que marginaliza a voz dos profissionais negros e limita seu poder de decisão. Essa falta de representatividade nos altos cargos dos clubes silencia as demandas dos jogadores negros e enfraquece sua capacidade de lutar contra as desigualdades. Quando esses atletas expressam insatisfação ou se rebelam contra o racismo, são frequentemente punidos, e os clubes respondem em defesa das instituições em vez de dar suporte à vítima. Dessa forma, o futebol, ao invés de promover a equidade, acaba reforçando um sistema de exclusão racial e preservando relações de poder desiguais.

Na atualidade, o racismo no futebol brasileiro ocorre de maneira mais explícita, podendo ser através de gestos e cânticos racistas nas arquibancadas. Jogadores como Aranha, famoso por sua passagem por clubes como Santos, Palmeiras e Ponte Preta; Taison ex-jogador do Internacional que esteve na Copa do Mundo de 2018 com a seleção brasileira; Gerson atual capitão do Flamengo e jogador da seleção brasileira; Tinga, que teve passagens marcantes por clubes como Grêmio, Internacional e Cruzeiro; Vini Jr., entre outros, foram vítimas recentes de ataques racistas tanto dentro quanto fora dos estádios. Segundo matéria do *site*

GE[9] (antigo Globo Esporte), o número de casos de racismo no futebol aumentou em quase 40% entre os anos de 2022 e 2023. Em 2022, foram registrados 98 casos e no ano seguinte 136, sendo 104 cometidos nos estádios.

O racismo estrutural presente na sociedade brasileira reflete na forma como essas denúncias são tratadas. Em muitos casos, as punições para atos de racismo são brandas e os responsáveis não são devidamente responsabilizados, o que perpetua a cultura de impunidade. Nos últimos anos, houve um esforço crescente para combater o racismo no futebol brasileiro. Clubes, federações e atletas têm se engajado em campanhas de conscientização e enfrentamento do problema. Em 2014, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) lançou o programa "Somos Iguais" (Figura 2), que visa promover a igualdade racial e combater a discriminação nos campos. Além disso, jogadores têm usado suas plataformas para denunciar o racismo, trazendo maior visibilidade ao problema.

Figura 2 – Campanha Somos Iguais

Fonte: https://www.radioculturafoz.com.br/2014/04/16/cbf-fara-campanha-nos-jogos-do-brasileirao-para-combater-o-racismo/.[10]

A materialidade apresentada na figura acima busca divulgar uma mensagem de igualdade racial no contexto do futebol brasileiro, com o enunciado verbal "*Somos Iguais*" dividido nas cores em preto e branco, sugerindo a união e a igualdade entre as raças. O enunciado aponta como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) busca desconstruir narrativas de poder e discriminação. Para Foucault (2014, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta”. Neste caso, o enunciado de maneira imagética e escrita, busca subverter a discriminação racial, apresentando

[9] Casos de racismo no futebol brasileiro em 2023 sobem quase 40% na comparação com 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2024/09/26/casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-em-2023-sobem-quase-40percent-na-comparacao-com-2022.ghtml. Acesso em 9 de outubro de 2024.

[10] Acesso em 31 de outubro de 2024.

uma visão de igualdade em oposição ao racismo estrutural. O contraste das cores preto e branco pode ser visto como um símbolo de resistência contra a hierarquia racial que historicamente marginaliza jogadores negros no Brasil, desafiando as normas sociais e culturais que legitimam o preconceito.

O combate ao racismo no futebol ainda enfrenta desafios, especialmente, no que se refere à educação e à conscientização dos torcedores e das instituições. A mudança cultural necessária para erradicar o racismo no futebol e na sociedade brasileira é um processo lento, mas fundamental para a construção de um ambiente mais justo e inclusivo tanto nos estádios quanto fora deles. Diante disso, em 2023, os ministérios dos Direitos Humanos, Esporte e da Igualdade Social em conjunto com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) promoveram a campanha *"Com racismo não tem jogo*" (Figura 3) antes dos jogos da final da Copa do Brasil.

Figura 3 – Com racismo não tem jogo

Fonte: https://revistaforum.com.br/politica/2023/9/24/igualdade-racial-anielle-franco-assina-ao-antirracista-com-cbf-144663.html.[11]

O enunciado em sua parte verbal destaca a seguinte frase, "Com racismo não tem jogo", que não só declara uma posição antirracista, mas também atua como um mecanismo de poder que define e reforça uma norma social, indicando que o racismo é inaceitável. Esse tipo de enunciado pode ser visto como um discurso institucional, promovendo uma política explícita contra o racismo, que visa regular comportamentos e atitudes, principalmente, em uma formação discursiva no âmbito esportivo. O uso da expressão "*Cartão vermelho para todas as formas de preconceito"* remete ao universo do futebol, uma vez que este tipo de cartão simboliza uma punição severa, evocando uma resposta institucional à violência simbólica do racismo. Contudo o uso da palavra *"preconceito"* poderia ser revisto, já

[11] Acesso em 03 de novembro de 2024.

que o racismo é crime e o uso do termo “*preconceito”* pode soar como uma tentativa de amenizá-lo. Também é mencionado o "*Disque 100*", um canal de denúncia no Brasil que recebe queixas sobre violações de direitos humanos, incluindo discriminação racial. Esse elemento mostra a operacionalização do discurso de controle e vigilância, alinhando o combate ao racismo ao sistema jurídico e de direitos humanos. Isso cria um dispositivo de controle social que permite a intervenção estatal contra atitudes racistas.

No contexto das práticas institucionais de combate ao racismo, especialmente no futebol, observa-se uma postura ambígua dos clubes em relação aos episódios de discriminação racial. Quando confrontados com situações de racismo, muitos clubes emitem notas de repúdio, mas, frequentemente, recorrem a sanções impostas pela justiça com o objetivo de minimizar as penalidades. Sobre essa postura contraditória, afirma-se que:

> [...] os clubes, quando se deparam com algum caso de racismo, prontamente lançam notas de repúdio ao ocorrido. Contudo, quando a pena imposta os atinge, as instituições não a aceitam e recorrem a sanções estabelecidas pela justiça, conseguindo, assim, na maioria das vezes, a diminuição da pena. Percebe-se, dessa forma, a fragilidade das ações de combate ao racismo no futebol tomadas pelos clubes (Pereira, 2021, p. 71).

Na citação acima, o autor ressalta a insuficiência das atitudes institucionais, sugerindo que as manifestações contra o racismo são condicionadas ao impacto negativo ou não das instituições envolvidas, enfraquecendo a mensagem de combate ao preconceito racial.

No ambiente digital, as mídias sociais têm desempenhado um papel significativo na propagação de discursos racistas devido à sua capacidade de amplificar vozes e ideias. A facilidade de compartilhar conteúdos instantaneamente permite que mensagens racistas se espalhem rapidamente, alcançando um público vasto e diversificado. Isso pode incluir comentários que visam difamar ou desumanizar grupos raciais específicos. O que pode acarretar diversos problemas para quem sofre esses ataques. Para Valladares (2023):

> Do ponto de vista social, ser alvo de discursos racistas nas mídias sociais pode ter repercussões muito negativas. Isso pode resultar em exclusão e marginalização afetando a participação das pessoas em várias esferas da vida como o mercado de trabalho a educação e até mesmo a vida cotidiana. Além disso, essas experiências podem impactar a confiança nas instituições

> e na sociedade como um todo levando a um sentimento de alienação e falta de pertencimento (Valladares, 2023, p. 70).

De acordo com as afirmações do autor, ser alvo de discursos racistas nas mídias sociais pode gerar repercussões profundamente negativas para as vítimas. Essas repercussões, frequentemente, resultam em exclusão social e marginalização, afetando a capacidade de participação desses sujeitos em diversas esferas da vida, como o mercado de trabalho, a educação e as interações cotidianas. As experiências de vitimização racial também podem minar a confiança nas instituições e na sociedade em geral, culminando em sentimentos de alienação e falta de pertencimento. Essa desconfiança institucional pode reforçar a percepção de desigualdade sistêmica e perpetuar ciclos de marginalização, exacerbando a exclusão social e econômica dos grupos alvo. Além disso, a exposição contínua a discursos racistas pode ter consequências psicológicas severas, incluindo estresse, ansiedade e depressão, impactando ainda mais a qualidade de vida dos sujeitos afetados, aspecto a ser discutido no tópico seguinte.

2.4 O racismo e o governo das emoções

O racismo pode desencadear uma série de respostas emocionais negativas. Indivíduos que são alvos de racismo, frequentemente, vivenciam essas emoções em decorrência de discriminações, agressões e exclusão social. Ademais, o racismo internalizado pode resultar em sentimentos de baixa autoestima e auto aversão, impactando profundamente o bem-estar emocional. Outro sentimento que pode emergir é a raiva. Sujeitos negros, exaustos pelo preconceito que enfrentam, podem desenvolver uma ira e um desejo de vingança contra aqueles que praticam o racismo.

Para Camps (2011, p. 154) “a raiva provoca desejo e sede de vingança; o irado espera poder compensar o desprezo de que é objeto”. A raiva é uma emoção intensa que, muitas vezes, gera um impulso para ações retaliatórias, na tentativa de restaurar uma percepção de justiça ou dignidade. Quando uma pessoa se sente desprezada, a raiva pode emergir como uma resposta emocional primária. Este sentimento de desprezo, que pode ser entendido como uma forma de desvalorização ou humilhação social, provoca um desejo de vingança, ou seja, a

vontade de infligir dor ou sofrimento equivalente ao perpetrador da ofensa. A expectativa do sujeito irado é que, ao buscar vingança, conseguirá reequilibrar a relação de poder ou recuperar a autoestima prejudicada pelo desprezo sofrido. Dessa forma, a raiva não é apenas uma resposta emocional, mas também uma motivação comportamental com a finalidade de compensar a sensação de desrespeito ou inferioridade percebida.

O racismo estabelece e perpetua estruturas de poder desiguais que influenciam profundamente as experiências emocionais de diversos grupos raciais. Em um ambiente de trabalho onde o racismo é prevalente, trabalhadores pertencentes a minorias raciais podem sentir-se constantemente em estado de alerta e insegurança, afetando negativamente sua capacidade de expressar emoções de maneira saudável. Ademais, a representação midiática e cultural dos diferentes grupos raciais pode moldar significativamente as expectativas emocionais e os comportamentos dos sujeitos tanto dentro quanto fora desses grupos.

No campo dos estudos discursivos, um ponto crucial de análise é a correlação entre discurso e emoção, visto que o discurso não é meramente um conjunto de palavras organizadas, mas uma prática social que carrega e transmite sentimentos. A articulação entre os discursos e as emoções desempenha um papel fundamental na maneira como significados são construídos e, consequentemente, como relações de saber-poder e identidades são estabelecidas. Nesse sentido, a produção discursiva não se limita a transmitir informações, mas também evoca emoções que influenciam a forma como o público compreende e reage ao que é enunciado.

Conforme apontam Piovezani, Curcino e Sargentini (2024), "a maior ou menor presença e ausência de foco nas emoções atuantes nos discursos e promovidas pela discursividade decorrem justamente da produção de diferentes discursos sobre as relações entre emoções e a fala humana." Esse excerto ilustra a complexidade das interações entre discurso e emoção, sugerindo que a intensidade e o foco emocional presente em um discurso não são arbitrários, mas dependem das práticas discursivas específicas que moldam a interpretação dos sentimentos expressos. Assim, o estudo das emoções nos discursos não é apenas uma investigação sobre o que é dito, mas também sobre como é dito e, mais importante, sobre o efeito que essa forma de dizer pode causar no interlocutor. Em última instância, essa relação revela-se essencial para compreender como os discursos podem influenciar comportamentos e sustentar determinadas formas de percepção social.

Embora os impactos negativos do racismo sejam significativos, é igualmente importante reconhecer a resiliência emocional desenvolvida por muitos sujeitos que enfrentam essa forma de discriminação. Já que, quando buscam auxílio do Estado, encontram, na verdade, a opressão das forças policiais, que os transforma de vítimas em acusados. Estratégias de enfrentamento, como o apoio comunitário, o ativismo e a preservação de identidades culturais, funcionam como mecanismos de resistência emocional.

A interferência do racismo no governo das emoções constitui um fenômeno profundamente enraizado nas estruturas sociais. Este impacto não se limita à saúde mental das vítimas, mas também perpetua ciclos de exclusão e desigualdade que são difíceis de romper. A discriminação racial exerce uma pressão psicológica constante sobre os indivíduos afetados. Esses efeitos adversos não apenas comprometem o bem-estar emocional, mas também têm implicações significativas para a saúde física, uma vez que o estresse crônico está associado a diversas doenças somáticas.

Um exemplo que pode ser utilizado ocorreu com o jogador Taison em 2019, que na época atuava pelo Shakhtar Donetsk da Ucrania. Segundo informações retiradas do site GE[12], por volta dos 30 minutos do segundo tempo de um jogo de futebol, torcedores do time de Kiev, visitantes no estádio do Metalist, atual casa do Shakhtar, fizeram ofensas racistas para jogadores rivais. Os xingamentos foram direcionados aos brasileiros e Taison se revoltou em campo. O jogador respondeu mostrando o dedo do meio, chutou a bola para longe e acabou sendo expulso do jogo. Diante dessa postura, o atacante que era a vítima terminou sendo punido por sua reação. No referido caso houve uma inversão de valores, uma vez que o atacante passa a ser penalizado pelo racismo que sofreu em campo e por ter se manifestado contra o crime.

Para um atleta de alto nível, é importante que sua mente esteja em máxima concentração para conseguir se proteger de ataques que podem vir de torcedores adversários, para que seu desempenho não seja afetado. No caso de Taison, o jogador não suportou o racismo sofrido e reagiu, sendo expulso e prejudicando seu time e a si mesmo na partida. Bromberger (2020) explica que:

---

[12] Taison e Dentinho sofrem ofensas racistas em jogo do Shakhtar e se revoltam; ex-Inter acaba expulso. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/brasileiros-sofrem-ofensas-racistas-em-jogo-do-shakhar-taison-responde-com-gesto-e-expulso-e-chora.ghtml. Acesso em 09 de outubro de 2024

> Os grandes campeões dizem que entram, durante competições importantes, em um “estado de graça”, um estado alterado de consciência que neutraliza o medo, confere uma confiança absoluta e os protege “das agressões externas como, por exemplo, a hostilidade do público (p. 607).

O autor destaca a importância do atleta quando está praticando o esporte entrar em um “estado de graça”, que seria como já foi citado uma concentração máxima para proteger-se de ataques que podem ocorrer durante momentos de alta pressão, possibilitando que o atleta possa desempenhar sem haver interferências externas. No caso de Taison, o jogador não conseguiu ficar nesse “estado de graça” e externou a dor sofrida pelo ato criminoso sofrido.

Ao longo deste capítulo foi discutido como o racismo está enraizado nas relações de saber-poder e é perpetuado na sociedade. Diante disso, no próximo capítulo serão analisados *posts* da plataforma *X* que atacam o jogador Vini Júnior, além de *posts* do próprio jogador em combate ao racismo, com a finalidade de entender as estratégias discursivas utilizadas nesses *posts,* como refletem as relações de saber-poder na sociedade e afetam no governo das emoções de Vini Júnior.

3 DISCURSOS RACISTAS CONTRA VINI JÚNIOR EM *POSTS* DA PLATAFORMA *X* E O GOVERNO DAS EMOÇÕES

O crescimento de ataques racistas nas redes sociais, como na plataforma *X* destaca-se pela gravidade e frequência dos episódios direcionados a figuras públicas, entre elas ao jogador brasileiro Vinícius Júnior. Esse tipo de violência vai muito além das críticas esportivas e é reflexo de uma questão estrutural, expondo o racismo enraizado nas sociedades e a forma como encontra novos meios de expressão no ambiente digital. A violência virtual, que se manifesta por meio de discursos de ódio e comentários ofensivos, não apenas fere diretamente as vítimas, mas afeta a percepção pública e contribui para a normalização de estereótipos raciais. Os ataques sofridos podem gerar um impacto na saúde mental de atletas, como no caso de Vinícius Júnior. Para um jovem jogador que representa seu país e uma cultura rica e diversificada, a humilhação pública e o desrespeito diário não afetam apenas seu desempenho em campo, mas sua autoimagem, segurança emocional e bem-estar geral.

Comentários racistas não se limitam a ofensas pessoais, reverberam em comunidades inteiras e alimentam uma narrativa estigmatizante que associa pessoas negras a aspectos depreciativos. Esse tipo de discurso reforça preconceitos arraigados e contribui para que estereótipos sejam internalizados, tanto por quem os sofre quanto pela sociedade como um todo. Esse impacto cultural revela-se nocivo, especialmente, para as novas gerações, que crescem expostas a um ambiente em que o racismo ainda é amplamente tolerado, em vez de condenado de forma inequívoca.

Nesse cenário, torna-se urgente a implementação de medidas mais rigorosas por parte das plataformas digitais, além da criação e aplicação de legislações para a responsabilização de crimes de ódio online. Embora algumas redes sociais já disponham de ferramentas para denunciar os conteúdos abusivos, a resposta, muitas vezes, é lenta e ineficaz, o que alimenta a sensação de impunidade. É crucial que os algoritmos sejam aprimorados para identificar comportamentos racistas e que as denúncias sejam atendidas com prioridade, visando um espaço online mais seguro.

O caso de Vinícius Júnior é um exemplo emblemático de como o racismo encontra novos meios de perpetuação, mas também uma oportunidade para refletir

sobre o papel das redes sociais e da sociedade na construção de um espaço livre de discriminação. Enfrentar o racismo virtual exige um esforço coletivo, que passa pela revisão de políticas de uso, o fortalecimento de regulamentações e a promoção de um ambiente inclusivo, onde todos possam expressar-se sem medo de violência ou exclusão.

Diante do exposto, apresentamos neste capítulo uma análise sobre as estratégias discursivas utilizadas para perpetuar discursos racistas contra Vini Júnior na plataforma *X*, além de observar como esses discursos refletem e reproduzem as relações de poder-saber na sociedade e afetam o governo das emoções do jogador Vini Júnior.

3.1 Estratégias discursivas utilizadas para perpetuar discursos racistas contra Vini Júnior em publicações na plataforma X

Para Michel Foucault (2008), as estratégias discursivas são escolhas teóricas e posicionamentos que configuram um discurso, permitindo que se desenvolva de maneiras diversas, de acordo com as condições históricas e sociais. Esse conceito ajuda a entender os comentários racistas contra Vini Júnior na plataforma *X*, considerando que tais discursos não são manifestações isoladas ou espontâneas, mas o resultado de construções discursivas que refletem relações de saber-poder historicamente enraizadas, isso se reflete nos comentários racistas que buscam não apenas atacar jogador Vini Júnior, mas também reafirmar uma posição de "superioridade" racial

O racismo em comentários da plataforma X relacionado ao jogador não surge de um discurso "puro" ou "natural", mas de estratégias discursivas que visam perpetuar desigualdades raciais e manter determinadas hierarquias sociais, especialmente em um contexto no qual um sujeito negro ascende em um espaço de visibilidade e prestígio, desafiando normas e estereótipos raciais estabelecidos pela branquitude. Diante disso, para compreender as estratégias discursivas utilizadas em publicações dirigidas contra Vini Júnior, torna-se imprescindível expor e analisar tais postagens com fins metodológicos. Nesse contexto, o ponto de partida será uma publicação realizada pelo próprio jogador, seguida pela análise subsequente dos comentários associados a ela.

Figura 4 – *Post* de Vini Júnior 1[13]

Fonte: https://x.com/vinijr/status/1786847095040721144.[14]

No enunciado, Vini Júnior, ao reutilizar o enunciado "*La nueva era*" (A nova era) originalmente dito por um jogador adversário após uma vitória sobre o Real Madrid, reconfigura a narrativa de superioridade instaurada pelo rival, destacando os títulos recentes de seu clube para afirmar hegemonia. Esse movimento não apenas subverte o discurso esportivo, mas também mobiliza reações racistas nas redes sociais, expondo como figuras marginalizadas são alvejadas ao expressarem poder ou celebração pública. A ironia de Vini, ao mesmo tempo que é um ato de desobediência, negritude e resistência, expõe a persistência de discursos de ódio que tentam disciplinar e silenciar vozes que desafiam normatividades, evidenciando a união entre esporte, raça e poder nos espaços digitais, como pode ser visto na figura 05.

[13] Esta publicação é da conta do próprio Vini Júnior, que após a vitória do time do Barcelona sob o Real Madrid, time que o referido jogador atua. Na supercopa da Espanha de 2023, o clube vencedor postou em sua conta do X um vídeo no momento da saída dos jogadores do campo. Em determinado momento do vídeo, o jogador do Barcelona, Ronald Araújo, fala a frase “comezo la nueva era” (começou a nova era). Após o Real Madrid ser campeão espanhol de 2024, uma conta dedicada ao clube postou os títulos conquistados nos últimos 5 anos. Vini Júnior repostou e utilizou como legenda a frase dita pelo jogador adversário de forma irônica, já que no espaço de tempo em questão, o clube de Vini ganhou mais títulos do que o rival. Após a postagem do jogador brasileiro, vários comentários com teor racista foram feitos.

[14] Acesso em 06 de novembro de 2024

Figura 5 – Comentário 1

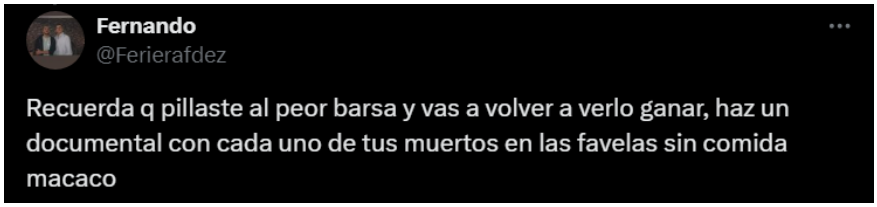
Fonte: https://x.com/jimnez_ya1/status/1786864821184393569.[15]

O enunciado aponta uma prática discursiva que marca a animalização como uma estratégia de desumanização dirigida a sujeitos negros nas mídias sociais. Kilomba (2019, p. 130) afirma que “o racismo não é biológico, mas discursivo”, dessa forma “a metáfora do “africano” como “macaco” tornou-se efetivamente real, mas não por ser um fato biológico, mas porque o racismo funciona através do discurso”. Diante disso, percebe-se que ao utilizar um *emoji* de macaco, o autor do comentário não só perpetua estereótipos racistas profundamente enraizados, mas também reforça uma lógica de poder que posiciona corpos negros em um lugar de inferioridade, desqualificando suas humanidades. Esse tipo de enunciado, ao circular em plataformas digitais, reproduz práticas históricas de desumanização, permitindo que discursos discriminatórios alcancem um público amplificado e, ao mesmo tempo, se ocultem sob a banalização do uso de *emojis*, como se fosse uma expressão inofensiva. A escolha por símbolos que remetem à animalidade, neste caso, não é casual, mas faz parte de uma prática discursiva que visa reduzir o sujeito negro a uma condição sub-humana, operando no nível simbólico para legitimar a exclusão e o silenciamento. Ao marcar o corpo negro como "outro" e rebaixá-lo a um estado inumano, esse tipo de prática reafirma hierarquias raciais e aprofunda o abismo de reconhecimento social, utilizando a suposta neutralidade das plataformas digitais para disfarçar o racismo como simples opinião ou liberdade de expressão.

Não é só o processo de animalização e desumanização que pode ser encontrado nos comentários do *post* de Vini Júnior. Há uma tentativa de desqualificar o jogador pelo seu local de origem, como pode ser visto no próximo comentário (figura 06)

[15] Acesso em 06 de novembro de 2024

Figura 6 – Comentário 2



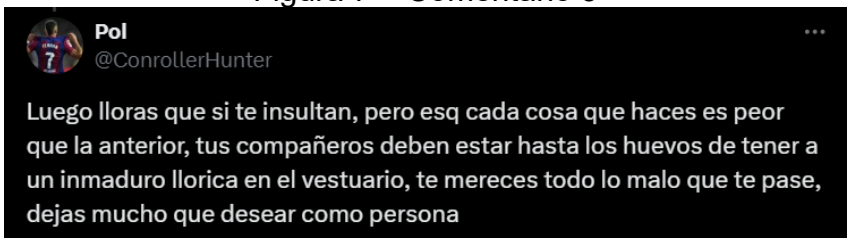
Fonte: https://x.com/Ferierafdez/status/1786854822446067812.[16]

O enunciado "*haz um documental com cada uno de tus muertos em las favelas sin comida macaco*" (faça um documentário com cada um dos seus mortos nas favelas sem comida, macaco) reforça além do racismo, a xenofobia sofrida por Vini Júnior, utilizando sua origem e raça como elementos centrais para desqualificá-lo, através de insultos que remetem à fome nas favelas e ao uso do termo "macaco". Ao empregar expressões que evocam a ideia de miséria e subdesenvolvimento, o agressor constrói uma narrativa que visa não apenas atacar Vini como sujeito, mas também remeter ao contexto social de onde ele vem, reforçando a ideia de que o sucesso esportivo do jogador não é legítimo ou que, mesmo alcançando o topo em sua carreira, não poderá se desvencilhar dos estigmas ligados à sua origem. A linguagem utilizada, ao fazer referência às *"favelas*" e à fome, revela um ataque direto e uma tentativa de deslocar o jogador de uma posição de prestígio para um espaço de indignidade, lembrando-o de uma origem que, na perspectiva do agressor, deveria limitar suas aspirações e conquistas. Ao utilizar esses marcadores sociais e raciais como arma, o autor do enunciado busca reiterar uma ordem social que naturaliza a inferioridade daqueles que são historicamente marginalizados, especialmente aqueles vem de fora da Europa.

Outra estratégia discursiva utilizada nesses comentários racistas, é a tentativa de inverter os papéis, argumentando que a culpa de Vini sofrer com o racismo seria dele mesmo, por ser provocador, como pode ser visto no comentário a seguir (figura 07):

[16] Acesso em 06 de novembro de 2024

Figura 7 – Comentário 3



Fonte: https://x.com/ConrollerHunter/status/1786866325861597623.[17]

Neste comentário, o autor inicia com o enunciado "*Luego lloras que si te insultan"* (logo chora quando é insultado). O uso de "*chora"* não é da maneira literal, apesar do referido jogador já ter chorado durante uma coletiva de impressa pelos ataques racistas que sofre. Neste caso, o termo *"chorar"* se refere às reclamações de Vini ao sofrer ataques racistas, seja no campo, nas redes sociais ou em canais de televisão. Esta é uma tentativa de silenciar Vini, já que ao reclamar dos ataques sofridos, o jogador está resistindo e "desobedecendo", mostrando sua força diante de um padrão de submissão que a branquitude quer impor ao sujeito negro. No final do enunciado, o autor diz "*dejas mucho que desear como persona"* (deixa muito a desejar como pessoa). Esta afirmação reforça o que já foi dito antes, uma vez que quando o sujeito negro se rebela contra sujeitos que se encontram em "hierarquias raciais" é taxado como uma pessoa ruim e deve ser punido. Diante disso, esta punição é uma tentativa de controlar o corpo do sujeito negro para torná-lo dócil. Foucault (2014, p. 163) afirma que, "é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado." Neste sentido, o aperfeiçoamento desejado é que os sujeitos negros aceitem a condição de inferioridade que a branquitude acha que eles pertencem.

Seguindo nesse argumento de inversão de valores, há diversos comentários que acusam Vini Jr. de adotar uma postura vitimista, insinuando que o jogador explora as denúncias de racismo sofrido como uma estratégia de autopromoção ou como uma tática para obter vantagens comerciais. Nessa perspectiva, tais críticas buscam deslegitimar a seriedade das discriminações enfrentadas por Vini, transformando a vítima em um suposto manipulador que se beneficia das pautas sociais. Esses comentários, frequentemente, sugerem que sua postura é exagerada ou teatralizada, minando a credibilidade de suas denúncias.

[17] Acesso em 06 de novembro de 2024

Além disso, é comum encontrar comparações com outros jogadores negros que não adotam posturas tão públicas em relação ao racismo, como é o caso de Lamine Yamal (ver figura 8), jovem promessa do Barcelona. Comentários desse tipo argumentam que se outros atletas não se pronunciam da mesma forma, isso indicaria que o racismo não é tão prevalente no futebol ou, ainda, que Vini estaria utilizando o tema como uma plataforma para ganho pessoal. Tais comparações, no entanto, desconsideram condições de produção distintas, experiências individuais e as escolhas pessoais de cada jogador em relação ao enfrentamento do racismo, além de ignorarem o fato de que a negação do racismo estrutural é uma estratégia, comumente, utilizada para silenciar vozes que se insurgem contra esse tipo de opressão. Essa linha de argumentação acaba por reforçar um discurso que não só perpetua a negação das desigualdades raciais, mas também busca enfraquecer os movimentos antirracistas ao tentar divulgar seus protagonistas como oportunistas, desvirtuando o foco do debate que deveria se centrar na erradicação do crime. Como pode ser visto no comentário a seguir:

Figura 8 – Comentário 4

Fonte: https://x.com/Vettaverso/status/1831210963854299374.[18]

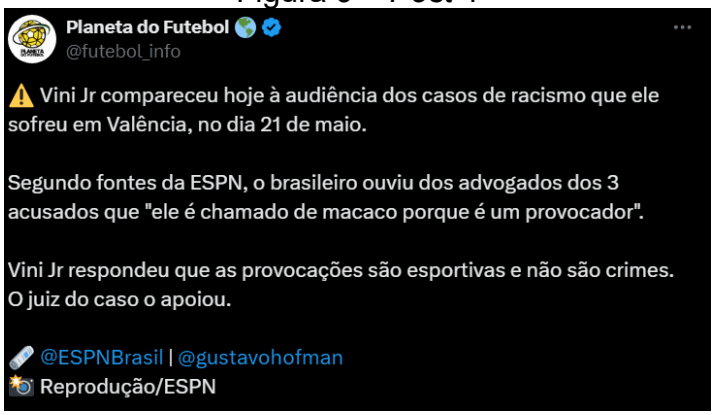
No enunciado, o autor utiliza os termos "*despreciable, provocador y generador de ódio"* (depreciável, provocador e gerador de ódio) contra Vini Júnior. Também é

[18] Acesso em 06 de novembro de 2024

utilizado de forma imagética momentos em que o jogador provoca adversários dentro de campo durante partidas, principal argumento utilizado contra o jogador para os ataques racistas sofridos. Também há uma acusação que Vini utilize sua luta contra o racismo para fins comerciais, estratégia usada para descredibilizar a luta do jogador contra o racismo. Por fim, o autor faz uma comparação entre Vini Júnior e o jogador espanhol Lamine Yamal, que também é negro, porém ao sofrer racismo durante uma partida somente ignorou os gritos em sua direção.

Diante das análises apresentadas, percebe-se que é comum encontrar enunciados que se utilizam da animalização e desumanização para atacar Vini Júnior, usando das origens do jogador para diminui-lo, conforme apresentamos na figura 5. Muitas vezes, há uma tentativa de inverter os papéis fazendo o jogador sair de vítima para o causador da perseguição que sofre, o acusando de vitimismo. Há quem diga que é um problema comportamental do jogador, inclusive este foi um argumento utilizado por advogados para defender seus clientes em audiência, como pode ser visto no *post* a seguir:

Figura 9 – *Post* 1



Fonte: https://x.com/futebol_info/status/1709924362420138377.[19]

No enunciado, é possível observar um cenário em que os ataques racistas sofridos por Vini Júnior são justificados pelos advogados dos acusados como uma resposta ao "*comportamento provocador*" do jogador. Este argumento sugere uma tentativa de naturalizar a ofensa racial ao associá-la a uma suposta provocação esportiva, deslocando o foco do ato discriminatório para a conduta da vítima. Esta estratégia discursiva, ao transformar a vítima em culpado, tenta esvaziar a gravidade do racismo, sugerindo um contexto de rivalidade esportiva.

[19] Acesso em 06 de novembro de 2024

Foucault (1998, p. 206) afirma que “o racismo, de fato, permitirá estabelecer uma relação entre minha vida e a morte do outro que não é de tipo guerreiro, mas de tipo biológico”. Desse modo, deslegitimar o racismo é diminuir as vidas negras e os danos que podem ser causados a elas. Assim, o discurso busca legitimar o insulto racial como uma reação aceitável dentro de um espaço esportivo, transformando o racismo em um problema de comportamento individual do próprio jogador, em vez de um crime ou expressão de preconceito que precisa ser combatida. Ao fazer isso, o discurso dos advogados atua como um mecanismo de manutenção de relações de poder, em que comportamentos historicamente associados à intolerância racial são desconsiderados como crimes, relegando a luta contra o racismo a um plano de menor relevância dentro do esporte.

Essas estratégias discursivas utilizadas contra Vini Júnior, seja para animalizar, desumanizar, marginalizar, deslegitimar sua luta e suas origens ou para atribuir os ataques sofridos ao seu comportamento estão ancoradas pelo racismo, que, por sua vez, se sustentam nas relações de saber-poder que privilegiam um grupo de sujeitos, que se utiliza de uma posição hierárquica para punir, segregar e atacar sujeitos marginalizados, aspecto a ser abordado no próximo tópico.

3.2 As relações de poder-saber a partir de discursos racistas

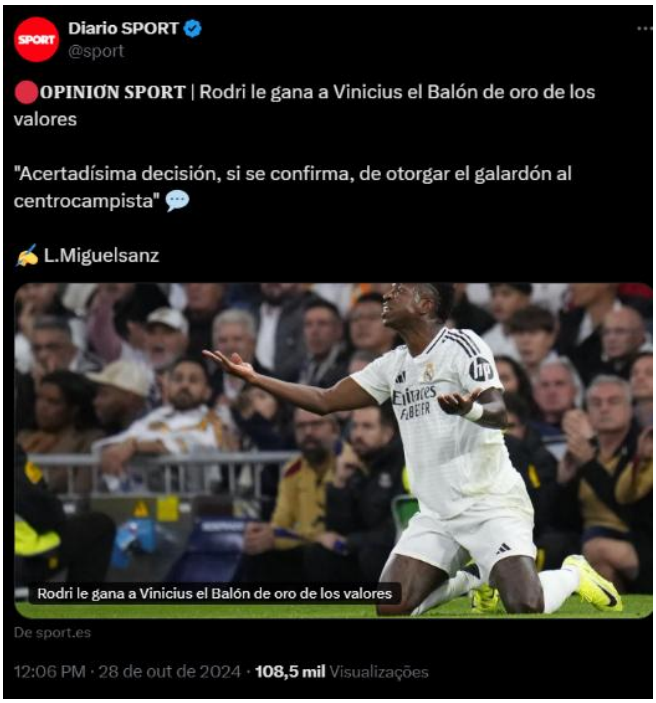
As relações envolvendo o poder e o saber constituem um dos destinos da sociedade e são a causa de várias formações de pensamento e comportamento da vida social. Em condições de dominação, esse entrelaçamento serve para sustentar desigualdades e alimentar discursos legitimadores de determinados grupos de indivíduos sobre outros, geralmente em função de critérios sociais, econômicos ou étnico-raciais.

No que se refere ao racismo, as relações de poder-saber são, muitas vezes, capturados para validar hierarquias raciais, tratando a desigualdade como natural ou inevitável. Estes discursos se sustentam em narrativas que vinculam características físicas e culturais a estereótipos, fundamentando justificativas para a exclusão e a marginalização de determinados grupos raciais. Para Dreyfus e Rabinow (1995, p. 203), o poder “é a operação de tecnologias políticas através do corpo social”, desta forma “o funcionamento destes rituais políticos de poder é exatamente o que estabelece as relações desiguais e assimétricas”. Essas relações são reforçadas por

instituições tais como as mídias sociais, que, ao replicarem narrativas, reproduzem uma estrutura de dominação que protege alguns grupos raciais em detrimento de outros.

No caso de Vini Júnior, essas hierarquias raciais ficam evidentes na premiação da *Ballon d'or*[20] 2024, no qual o jogador brasileiro era o favorito para vencer, mas acabou perdendo para o espanhol Rodri. Grande parte da imprensa especializada atribui a não premiação de Vini devido à antipatia que o jogador tem na Europa pela sua luta contra o racismo dentro e fora dos campos. No dia da premiação, um jornalista espanhol do Diário *Sport* publicou uma nota parabenizando o jogador espanhol pela "bola de ouro dos valores" (figura 10).

Figura 10 – *Post 2*



Fonte: https://x.com/sport/status/1850917139890258142.[21]

No enunciado acima, quando o jornalista utiliza o termo "*Rodri le gana a Vinicius el Balón de oro de los valores*" (Rodri vence Vinicius e ganha a Bola de Ouro dos valores), neste caso, os valores se referem ao sujeito branco em oposição ao negro, aos valores do europeu e do sul-americano, do colonizador e do colonizado, do nascido em Madrid e do favelado do Rio de Janeiro. Esta prática em diminuir o "Outro", o que não nasceu na Europa é bastante utilizada para externar essa relação

[20] Prêmio criado pela revista *France Football* entregue ao melhor jogador do mundo.
[21] Acesso em 06 de novembro de 2024.

de saber-poder. Trata-se de uma estratégia para punir sujeitos negros e marginalizados. Para Foucault (2014, p. 28), “os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir”. Neste caso, a punição gerada a Vini Júnior foi não vencer o prêmio devido a sua falta de “valores”, ao fato de se rebelar contra o racismo e não ser submisso aos que estão no topo da hierarquia racial.

Não somente na Europa o jogador brasileiro sofre com discursos racistas, alguns brasileiros também destilam ódio contra seu compatriota nas mídias sociais, como é possível ver no *post* a seguir:

Figura 11 – *post 3*

Fonte: https://x.com/ManCityBrazil/status/1850929617663852977.[22]

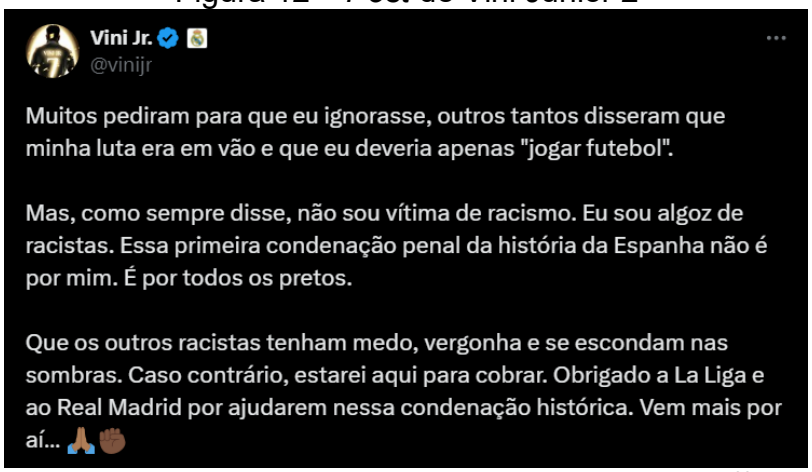
No enunciado, o autor elenca qualidades do jogador Rodri para ter vencido a bola de ouro, como “*sem tatuagens”, “sem penteados estravagantes”, “joga com camisa para dentro do calção”, “tem formação acadêmica”* e finaliza com “*um jogador à moda antiga”.* Inicialmente, percebe-se pelas características elencadas que o jogador espanhol venceu por ser um “bom moço”, ou seja, que segue o modelo de regras que estaria no “verdadeiro da época” para a sociedade europeia. Rodri mereceu vencer por ser disciplinado, ao contrário de Vini Júnior, que é

[22] Acesso em 06 de novembro de 2024

considerado um provocador e rebelde. Também há uma romantização do futebol de antigamente através dos enunciados "*um jogador a moda antiga", "focado apenas no jogo dentro do campo"*, perfil que não se enquadra a Vini Júnior, pois, como citado anteriormente, o jogador se tornou um símbolo de resistência contra o racismo, sendo atuante tanto nos campos como nas mídias sociais no combate a esta luta.

O jogador conseguiu marcos importantes na Espanha fazendo com que indivíduos sejam condenados por racismo, algo que nunca havia acontecido antes. Após este acontecimento, o jogador fez um *post* na sua conta do *X* (figura 12). Vini agora é espelho para que qualquer sujeito negro que sofra racismo não se deixe diminuir e procure seus direitos.

Figura 12 – *Post* de Vini Júnior 2



Fonte: https://x.com/vinijr/status/1800180515317633169.[23]

No enunciado, Vini Júnior afirma que *"muitos pediram que eu ignorasse, outros tantos disseram que minha luta era em vão e que eu deveria apenas 'jogar futebol'"*. Tal enunciado revela a dimensão da dinâmica racial ainda presente em nossa sociedade. O que é dito pelo jogador evidencia a tentativa contínua da branquitude de controlar e regular as formas de resposta de Vini Júnior e sujeitos negros frente ao racismo que enfrentam. A mensagem subjacente a esse pedido para que Vini Júnior ignore ou se concentre exclusivamente em seu desempenho esportivo é, na verdade, uma demanda por submissão, um esforço para que ele permaneça no lugar que lhe foi designado pela estrutura hierárquica racial. Esse tipo de discurso carrega a expectativa de que, em vez de contestar o *status quo*, as vítimas de racismo devem se submeter, aceitar silenciosamente as ofensas e se

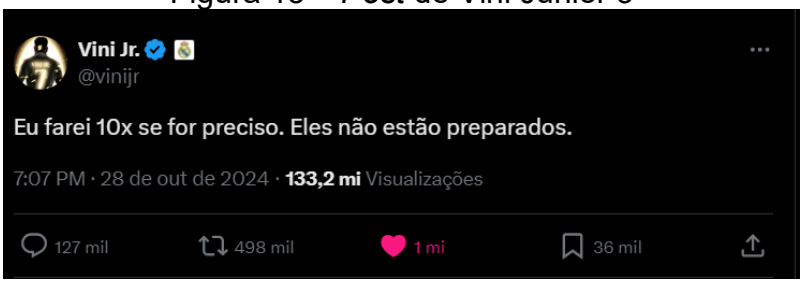
[23] Acesso em 12 de novembro de 2024.

limitar ao papel social que lhe foi imposto. Quando o jogador contrapõe essa narrativa ao afirmar que *“não sou vítima de racismo. Eu sou algoz de racistas”*, ele realiza um movimento de ruptura com essa lógica de submissão. Ao se recusar a adotar uma postura passiva, o jogador desafia a normatização do silenciamento imposto aos corpos negros, que, historicamente, têm sido coagidos a não reagir diante das violências simbólicas e físicas que sofrem. Ao se definir como "algoz" dos racistas, o jogador se posiciona ativamente contra aqueles que buscam oprimi-lo. É uma postura que ressignifica a identidade do sujeito negro, deslocando-o de uma posição de vulnerabilidade para uma de resistência e protagonismo.

Nesse sentido, o discurso de Vini Júnior representa não apenas uma recusa a ser silenciado, mas também uma subversão das relações de poder-saber que moldam as interações raciais no esporte e na sociedade como um todo. Ao se recusar a “jogar futebol” como se esse fosse seu único papel, o jogador reitera que sua existência vai além da esfera esportiva e, que, enquanto indivíduo negro, não deve se restringir a um espaço pré-determinado pela branquitude. A escolha de lutar publicamente contra o racismo, ao invés de permanecer em uma postura passiva, revela um exercício de (re) existência que é crucial para desestabilizar as estruturas opressoras.

Embora não tenha conquistado o prêmio da Bola de Ouro, Vini Júnior permanece firme em seu compromisso de combater o racismo, mostrando que sua dedicação vai muito além do campo. Poucas horas após a cerimônia de premiação, o jogador fez questão de utilizar sua conta na rede social *X* para reforçar sua posição, reiterando que a luta contra o racismo continuará sendo uma de suas prioridades. Esse gesto demonstra que seu engajamento nessa causa transcende qualquer reconhecimento esportivo ou troféu individual, evidenciando que ele está determinado a utilizar sua visibilidade e influência para promover mudanças significativas dentro e fora do futebol. Vejamos o post a seguir:

Figura 13 – *Post* de Vini Júnior 3



Fonte: https://x.com/vinijr/status/1851023004496789695.[24]

O enunciado revela uma manifestação pública que transcende o simples desabafo pessoal, assumindo um tom desafiador. Vini Júnior utiliza a plataforma *X* para declarar sua disposição em redobrar seus esforços após não receber o reconhecimento esperado com o prêmio Baloon d'Or de 2024. O enunciado "*Eu farei 10x se for preciso"* evidencia uma estratégia de resistência e reafirmação de sua própria identidade, sugerindo que, apesar das tentativas de deslegitimação externa, ele não apenas permanece firme, mas intensifica sua performance como resposta.

O segundo enunciado "*Eles não estão preparados*" cria um distanciamento estratégico. Nesse contexto, o enunciado se configura como um ato discursivo que desestabiliza as fronteiras de poder instituídas, posicionando o jogador como alguém que se recusa a ser silenciado ou reduzido a um papel passivo diante das normatividades impostas. Ao operar nesse espaço de visibilidade, Vini Júnior se apropria da plataforma para subverter as expectativas e desafiar diretamente os discursos que tentam definir quem é digno de reconhecimento e de prestígio.

Portanto, ao observar as relações de poder-saber relacionadas ao racismo, constata-se que como as ações dos sujeitos são sustentadas por práticas que legitimam e perpetuam hierarquias sociais. O racismo não é simplesmente um conjunto de atitudes individuais, mas uma estrutura que se infiltra nas instituições e nas dinâmicas de poder, orientando a produção e disseminação de conhecimentos que reforçam estereótipos e naturalizam a desigualdade. Foucault (1998, p. 72) ressalta que “o racismo nasceu quando o tema da pureza da raça substituiu o da luta de raças, ou melhor ainda, no momento em que estava para se realizar a conversão da contra- história em um racismo de tipo biológico”. A partir desse entrelaçamento, percebe-se que a discriminação racial é mantida não apenas por

[24] Acesso em 06 de novembro de 2024.

quem exerce o poder, mas também por um aparato discursivo que define o que é considerado válido ou verdadeiro.

No entanto, além de suas implicações nas estruturas de poder, o racismo possui um impacto profundo nas experiências subjetivas dos indivíduos que o enfrentam. Tendo em vista que as relações de poder moldam não apenas as condições materiais de vida, mas também a percepção de si e dos outros, notamos que o racismo atinge um nível ainda mais íntimo: o governo das emoções. É nesse ponto que se faz necessário aprofundar a discussão sobre os efeitos do racismo na esfera emocional, refletindo sobre como as vítimas internalizam as opressões e como essas experiências impactam no bem-estar psicológico e na capacidade de resistência.

3.3 O governo das emoções de Vini Júnior afetado pelo racismo

Os discursos racistas não apenas ferem a dignidade das vítimas, mas também afetam o governo das emoções, uma vez que esse tipo de violência impacta diretamente na saúde mental. Para quem é alvo desses ataques, a experiência é marcada por sentimentos de humilhação, desamparo, indignação e dor, comprometendo o senso de pertencimento e a autoestima. Camps (2011, p. 155) afirma que, “a indignação é provocada pela impressão de um desajuste que carece de explicação e de sentido. E, como detecta uma falta de justiça, a indignação, quando bem direcionada e moderada, pode servir de estímulo para a virtude”. Esta afirmação é reforçada por Sargentini e Braga (2024, p. 126) quando dizem que, “a indignação, por seu turno, também é um sentimento de raiva, que move o sujeito contra as injustiças, cujo escopo pode ser de caráter individual, social ou ainda moral e ético”. Portanto, as vítimas precisam lidar com uma constante vigilância emocional para sobreviver em ambientes hostis, o que resulta em uma carga emocional desgastante. Esse cenário de violência simbólica, ao impor a necessidade de gerenciar respostas emocionais diante de situações de discriminação cotidiana, também perpetua um estado de alerta e desgaste psicológico, impactando nas relações sociais, na produtividade e, principalmente, na qualidade de vida.

O caso do jogador Vini Júnior é um exemplo de como os ataques racistas, tanto nos estádios quanto nas redes sociais, tem afetado no governo das emoções.

Esses episódios não apenas afetam seu desempenho em campo, mas também seu bem-estar fora dele, uma vez que o atleta precisa lidar com o impacto emocional dessas agressões públicas e amplamente divulgadas. A violência racial direcionada a Vini Júnior evidencia como o racismo é ampliado pela visibilidade proporcionada pelo esporte e pelas plataformas digitais, expondo o atleta a uma pressão emocional constante. Assim, o caso do jogador ilustra como o racismo transcende o âmbito esportivo e afeta o governo das emoções de quem é alvo.

O *post* a seguir (figura 14), é um *print* feito de um vídeo postado no perfil da página “choquei” da plataforma *X.* Em uma partida do Real Madrid contra o Valência no estádio *Mestalla*, Vini Júnior discute com um torcedor adversário ao ser chamado de macaco e ter gesto associados ao animal feitos em sua direção. Após o ocorrido, que paralisou a partida por oito minutos e meio, o jogador brasileiro foi expulso por ter se envolvido em confusão com os jogadores do time adversário.

Figura 14 – P*ost* 4

Fonte: https://x.com/choquei/status/1660355120855482371.[25]

No enunciado, evidencia-se o momento em que o jogador Vini Júnior aponta ao árbitro da partida o torcedor que praticou um ato racista contra ele. Tal atitude reflete a tentativa do atleta de responsabilizar o agressor pelo crime cometido. Nesse contexto, o jogador demonstra emoções de indignação e revolta, comumente, manifestadas por vítimas de ataques racistas. Camps (2011, p. 153) afirma que, “a

[25] Acesso em 10 de novembro de 2024

ira gera um desejo, o desejo de se vingar de quem se mostrou depreciativo". No caso do jogador, essas emoções ficam evidentes diante da percepção de impunidade, frequentemente, associada a tais condutas. Dessa maneira, o jogador acaba sendo prejudicado tanto emocionalmente, quanto no esporte, já que após o ocorrido acabou sendo expulso da partida. A expulsão do jogador, nesse contexto, simboliza a inversão de culpabilidade imposta às vítimas de racismo, pois além de lidar com a violência racial explícita, o jogador enfrenta a ausência de medidas eficazes para coibir tais atos. A falta de uma resposta contundente por parte das instituições envolvidas amplia o sentimento de desamparo.

Ao voltar ao estádio *Mestalla* após esse ocorrido, Vini Júnior foi decisivo na vitória do Real Madrid contra o Valência. Após marcar seu segundo gol na partida, o jogador brasileiro comemorou na frente da torcida adversária com o punho direito erguido e cerrado (figura 15), um símbolo mundial da luta contra o racismo.

Figura 15 – Comemoração de Vini Júnior

Fonte: https://x.com/futebol_info/status/1764033940178829610.[26]

Ao celebrar dessa forma diante da torcida adversária, Vini Júnior não apenas reforça sua postura de combate e resistência ao racismo, mas também manifesta uma espécie de "vingança simbólica". Tal ato ganha ainda mais significado diante do

[26] Acesso em 10 de novembro de 2024

contexto em que, embora os responsáveis pelos atos racistas ainda não tivessem sido judicialmente punidos à época (posteriormente o foram), no campo esportivo. Desse modo, o atleta brasileiro conseguiu superar a derrota sofrida na partida anteriormente realizada naquele mesmo local.

No enunciado, é possível ver as reações da torcida adversária à comemoração de Vini Júnior, gestos como mostrar o dedo do meio, a raiva escancarada nos rostos, deixando evidente suas emoções. Bromberger (2020, p. 613) explica que o futebol “é um esporte valorizado pelas classes populares e pelas novas gerações, ambas manifestam geralmente com gestos e palavras suas reações e emoções”. Dessa forma, o racismo que estes torcedores cometem no estádio é algo que está em seu âmago, porém, no calor da partida, emoções frequentemente reprimidas ou restritas na vida cotidiana podem ser externalizadas de maneira intensa.

Essas dinâmicas de poder-saber em que o racismo está presente estão diretamente ligadas ao campo das emoções. Courtine e Piovezani (2024, p. 170) explicam que “há constâncias e conservações emocionais, mas elas derivam de condições históricas e sociais diversas. Por isso, os afetos em distintos tempos e espaços e em diferentes classes, grupos e sujeitos sociais”. Sendo assim, quem sofre com ataques racistas carregam consequências que perpassam anos e os afetam de várias formas. A partir desse sofrimento, pode surgir diversos sentimentos como o medo, a ansiedade, a falta de autoestima, a sensação de não pertencimento etc.

Os sentimentos de Vini Júnior se tornam evidentes quando o atleta manifesta sua emoção ao chorar, devido a crueldade sofrida nos ataques criminosos sofridos, durante a coletiva de imprensa realizada antes de um amistoso entre a Seleção Brasileira e a Seleção Espanhola (figura 16), ocorrido em Madrid. O evento teve como propósito promover o combate ao racismo, motivado pelos ataques racistas direcionados ao jogador brasileiro.

Figura 16 – *post* 5

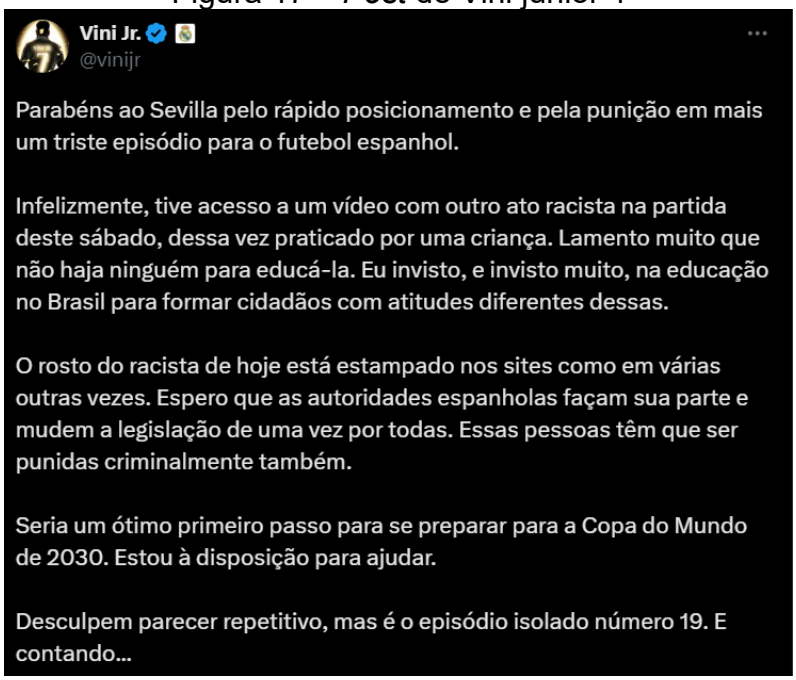
Fonte: https://x.com/CR7Brasil/status/1772285025720918168.[27]

Como pode ser visto no enunciado, apresentado na figura 16, ao se emocionar publicamente, Vini Júnior evidencia a violência que ultrapassa o corpo físico e invade o emocional, demonstrando um esgotamento mental, conforme pode ser percebido através do excerto "*é visível que ele tá esgotado mentalmente".* Este esgotamento é resultado do acúmulo de emoções como o medo, a raiva, a ansiedade, decorrentes do enfrentamento contínuo a episódios de racismo. Courtine e Piovezani (2024, p. 173) afirmam que "a condição humana é inseparável do medo" e definem a ansiedade como o "medo contemporâneo de ter medo". Deste modo, o choro de Vini Júnior, funciona como um ato de resistência que denuncia a naturalização da discriminação racial e os efeitos devastadores que exercem sobre o jogador.

Esse esgotamento mental fica claro quando Vini Júnior, após sofrer mais um caso de racismo, desta vez cometido por uma criança que chama o jogador de macaco, enquanto a mãe, que estava ao seu lado, não faz nada para repreendê-lo. O fato ocorreu em uma partida contra o Sevilla. Após isso, o jogador brasileiro publicou em sua página do *X* um texto desabafando sobre o ocorrido (figura 17).

[27] Acesso em 10 de novembro de 2024

Figura 17 – *Post* de Vini júnior 4



Fonte: https://x.com/vinijr/status/1715851887428214814.[28]

No enunciado acima, a cobrança para que as autoridades espanholas "*façam sua parte*" reflete a busca por uma resposta institucional que vá além das palavras e se concretize em ações efetivas contra o racismo. Esse pedido não carrega o desejo de vingança, mas, como sugere Camps (2011), busca uma reparação legítima e equitativa, que combata a impunidade e desestimule novos atos de discriminação. O contexto repetitivo evidenciado por Vini Júnior, ao mencionar o "*episódio isolado número 19*", ressalta a gravidade da situação. Este número não apenas evidencia a frequência dos ataques, mas também expõe a falta de medidas preventivas e punitivas eficazes. Ao pedir desculpas pelo tom repetitivo, o jogador transmite a exaustão emocional e o desgaste psicológico que acompanha a exposição constante a situações de injustiça. Essa repetição revela não apenas a insistência de Vini em clamar por justiça, mas também a incapacidade do sistema de responder de maneira eficiente e transformadora, perpetuando um ciclo de violência e dor.

Atualmente, Vini Júnior é amplamente reconhecido como um dos principais expoentes no combate e resistência contra o racismo no futebol. Suas ações têm se tornado uma poderosa fonte de inspiração para outros sujeitos negros (figura 18), sejam jogadores de futebol ou não, incentivando-os a combater essa realidade que persiste há séculos e continua a causar danos físicos e emocionais à comunidade negra.

[28] Acesso em 10 de Novembro de 2024

Diante das análises realizadas, percebemos que os ataques racistas sofridos por Vini Júnior desencadearam um conjunto de emoções negativas que, provavelmente, o acompanharão ao longo de sua vida. No entanto, tais experiências também contribuíram para que o jogador brasileiro desenvolvesse uma maior empatia, incentivando-o a engajar-se na luta por uma causa que beneficia toda a comunidade negra em nível global.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo tem sido uma constante na sociedade ao longo de diversas décadas, resultando na marginalização, segregação e opressão de grupos raciais. Nesse cenário, as mídias sociais emergem como um espaço de disseminação significativa de discursos racistas, ampliando o alcance e a visibilidade dessas manifestações discriminatórias. O racismo, além de ser enraizado em relações históricas de saber-poder, perpetua-se por meio de estruturas que privilegiam a raça branca em detrimento de outras. Esse processo contribui para a perpetuação de desigualdades raciais e inflige danos emocionais duradouros aos indivíduos marginalizados, cujas experiências de opressão são transmitidas por gerações, afetando profundamente a subjetividade e o bem-estar da população negra.

Diante disso, a presente pesquisa se propôs investigar as crescentes manifestações racistas contra Vini Júnior nos âmbitos físico e virtual tendo como foco publicações na plataforma *X*. Desse modo, se compreende que a necessidade dessa problemática merece ser considerada. Portanto a pesquisa teve como objetivo geral analisar os discursos racistas contra Vini Júnior publicados na plataforma *X* afetam no governo das suas emoções. Como objetivos específicos a pesquisa se propôs a examinar as estratégias discursivas utilizadas para perpetuar discursos racistas contra Vini Júnior em publicações na plataforma *X*; investigar as formas que esses discursos refletem e reproduzem as relações de saber-poder na sociedade e compreender de que maneira esses discursos afetam o governo das emoções do jogador Vini Júnior. A fim de problematizar como sujeitos negros são vítimas de racismo em âmbitos físicos, emocionais e virtuais.

A análise revelou que estratégias discursivas direcionadas a Vini Júnior como a animalização, a desumanização, a marginalização e a tentativa de deslegitimar sua luta e suas raízes, bem como culpar seu comportamento pelos ataques sofridos são propagadores de atitudes racistas. Esse racismo, por sua vez, é sustentado por relações de poder-saber que privilegiam determinados grupos, os quais se aproveitam dessa hierarquia para punir, segregar e agredir os sujeitos marginalizados.

No que tange as relações de poder-saber, é possível afirmar que o racismo não se resume a atitudes isoladas, mas constitui uma estrutura que está enraizada nas instituições e nas hierarquias sociais. Tal prática se manifesta na forma como

conhecimentos são produzidos e difundidos, perpetuando estereótipos e naturalizando desigualdades. Esse entrelaçamento revela que a discriminação racial é perpetuada não só por aqueles que detêm o poder, mas também por meio de um aparato discursivo que determina o que é visto como legítimo ou verdadeiro.

Já no campo do governo das emoções, percebe-se que os ataques racistas sofridos por Vini Júnior geraram um conjunto de emoções negativas que provavelmente terão impacto em sua vida. No entanto, essas vivências também fortaleceram sua empatia, motivando o jogador brasileiro a se engajar na defesa de uma causa que beneficia a comunidade negra em todo o mundo.

Diante do que foi exposto, é válido afirmar que esta pesquisa foi necessária contribuindo tanto para a formação do pesquisador quanto para a luta antirracista. Além disso, é necessário apontar que o objetivo geral foi parcialmente atingido, já que há espaço para um aprofundamento maior nessa pesquisa futuramente. Diante dos dados analisados, percebe-se a importância dos estudos do racismo e do governo das emoções, já que, os efeitos do racismo nas emoções dos sujeitos negros podem resultar em transtornos que, muitas vezes, acompanham esses sujeitos ao longo de toda a sua vida.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luciana. **Discursos de ódio contra negros nas redes sociais.** Rio de Janeiro: Pallas editora, 2023.

BROMBERGER, Christian. Paixões Esportivas. *In:* CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das Emoções**. Petropólis: RJ, Vozes, 2020. p. 604 - 621

CAMPS, V., **El gobierno de las emociones**; Barcelona: Herder, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo da racialidade: a construção do outro como não ser fundamentado do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023

COURTINE, Jean-Jaques; PIOVEZANI, Carlos. Discursos do medo na era da ansiedade. *In:* PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). **O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos.** São Paulo: Parábola, 2024. p. 163 – 190

DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma estrutura filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)** / Hubert Dreyfus, Paul Rabinow; tradução de Vera Porto Carrero – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Tradução Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugurada no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia del racismo.** Argentina: Caronte Ensayos, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. 9ª edição. Rio de Janeiro, Paz & Terra; 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42 ed. Petropolis: Editora Vozes Ltda, 2014.

KILOMBA, Grada, 1968. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano.** Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019.

PEREIRA, Igor M. Dias. **Racismo no futebol brasileiro: a ótica do jogador negro.** 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/24505/1/Igor%20Moreira%20Dias%20Pereira.pdf.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). **O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos.** São Paulo: Parábola, 2024.

SARGENTINI, Vanice; BRAGA, Amanda. Discurso e afetos políticos: o ressentimento e a indignação. *In:* PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). **O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos.** São Paulo: Parábola, 2024. p 111 – 130

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

THEODORO, Mário. **Racismo e branquitude na formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

TUZZO, S. A.; BRAGA C. F. **O processo de triangulação da pesquisa qualitativa:** o metafenômeno como gênese. Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, SP, v.4, n.5, p. 140-158, ago., 2016.

VALLADARES, Katherin Kelly Vaz. Análise sobre a banalização do discurso racial nas mídias sociais e os prejuízos dessa prática ao enfrentamento do racismo no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 62–80, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i10.11594. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11594. Acesso em: 6 jul. 2024.